ISSN 2359-053x

ANO 3 - NÚMERO 27 - JANEIRO 2017

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$ 10

OS SENTIMENTOS QUE MOVEM O MUNDO

p. 10

AMAZÔNIA
Projeto Saúde e Alegria: 30 anos no coração da floresta!
p. 18

UNIVERSO FEMININO
Nísia Floresta: Pioneira do feminismo no Brasil
p. 30

URBANIDADE
Multa de Trânsito: Dói, mas salva
p. 44

PROTEGER

BRASÍLIA TEM ESSE PODER

Preservação das áreas de proteção ambiental

A Terracap coloca esse patrimônio em suas mãos

Você já se deu conta de que o assoreamento dos córregos, a diminuição das matas ciliares e a destruição das nascentes são problemas decorrentes da ocupação irregular do solo? O trabalho da Terracap é promover o desenvolvimento planejado, preservando as áreas de proteção ambiental, garantindo a sustentabilidade e respeitando a vida. E, dessa maneira, colocar esse imenso patrimônio natural em nossas mãos.

www.terracap.df.gov.br

Terracap
Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal

GOVERNO DE BRASÍLIA

> **Não há rio que eu não atravesse... Não há caminho que eu não ande... Não há pau que eu não arranque... Não há pedra que eu não quebre!**
>
> Canção Tapeba

COLABORADORES/COLABORADORAS JANEIRO

Altair Sales Barbosa – Antropólogo. Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cláudia Costa Saenger – Médica-Veterinária. Eduardo Henrique – Estudante. Fotógrafo. Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Gilvan Capistrano - Fotógrafo. Iêda Leal de Souza – Educadora. Escritora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Educadora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Lúcia Resende – Educadora. Reinaldo Bueno Filho – Educador. Robson Eleutério – Professor de História. Coordenador Instituto Cerratense. Tashka Pehaho Yawanawa – Líder Indígena. Trajano Jardim – Jornalista. Vanessa Grazziotin – Senadora. Estado do Amazonas. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Graça Fleury
6. Jacy Afonso
7. Juan Pratginestòs
8. Elson Martins
9. Neusimar Coelho
10. Ronei Alves
11. Ieda Vilas-Bôas
12. Trajano Jardim

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental
Telefone: (61) 9 9967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9 9967 7943; Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 9926 0445. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 10.000 exemplares. Logística: Iasmin Reis. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info – bilíngue – todo o território nacional, países de línguas portuguesa e inglesa. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação Revista Web - Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

Em seu poema "Sentimento do Mundo", Carlos Drummond de Andrade constata:

(...)
"Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho,
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer
esse amanhecer
mais noite que a noite."

No alvorecer de mais um ano, o que nos alenta é a esperança de que venham tempos menos bicudos do que os que marcaram 2016 no mundo e no Brasil.

Temos a sorte de, como seres humanos, sermos dotados da capacidade de sentir e de expressar o que sentimos em gestos e palavras. São os sentimentos que movem o mundo.

Este é o tema de capa desta edição de Xapuri, que as amigas e os amigos começam a ler. Um assunto ao mesmo tempo encantador e espinhoso, já que infelizmente observamos mais maldades que bondades na face do Planeta.

Mas não é só isso. Penetramos na alma de Nísia Floresta, a intelectual potiguar que combateu as injustiças do mundo ainda no Século 19. E na de Jô Soares, que muda de canal, mas fica na telinha. Tem ainda os 30 anos do projeto Saúde e Alegria na Amazônia. Nas cidades, nova terapêutica para nossos cães e o papel da infração de trânsito. A educação como arma contra o racismo. A tenebrosa Serra do Pinduca e os encantos do Caminho do Sol.

Ah, sim, tudo isso sem esquecer da receita testada da deliciosa bolacha de cinco pratos.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura, faz a Xapuri continuar acontecendo!

ASSINATURA ANUAL 12 EDIÇÕES R$ 99,00

ASSINE JÁ!
WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 27

JAN 17

10 **CAPA**
Os sentimentos que movem o mundo

16 **ACONTECEU**
Sindicato e Sustentabilidade: Um caminho possível

20 **CIDADANIA**
Educação para as relações etnicorraciais: Um direito do brasil

23 **AMIGO ANIMAL**
Nossos cachorros: Mais proteção contra a leishmaniose

26 **MITOS E LENDAS**
A lenda de Kerepiyua: a mãe, a origem do sonho

30 **UNIVERSO FEMININO**
Nísia Floresta: Pioneira do feminismo no Brasil

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

18 **AMAZÔNIA**
Projeto Saúde e Alegria: 30 anos no coração da floresta!

22 **LITERATURA**
Rrrrrrrrr-evolução política

24 **PERFIL**
Jô Soares: humor de gente séria

34 **ECOLOGIA**
Zequinha do Pinduca

37 **CAATINGA**
Mocó: uma espécie ameaçada pela caça

38 **ECOTURISMO**
Fazenda Milhã: Um oásis no Caminho do Sol

40 **GASTRONOMIA**
Bolacha de cinco pratos
Pecado da infância

44 **URBANIDADE**
Multa de Trânsito: Dói, mas salva

46 **PLANALTO CENTRAL**
Estrada de rodagem no quadrilátero Cruls

48 **MEMÓRIA**
Tata Txanu Natasheni

50 **SUSTENTABILIDADE**
Sustentabilidade e indivíduo

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Bela matéria do Antonio Paulo Filomeno sobre a Universidade de Brasília. Parabéns à Xapuri.
Simone Caldas – Brasília – Distrito Federal.

A Xapuri nos fornece uma visão fascinante dos pricipais temas da atualidade, da educação à arte, às questões ambientais e de gênero. Leio sempre com muito respeito.
Wanda Lúcia Loureiro. Brasília - Distrito Federal.

Gratidão, Xapuri, por cuidar sempre da pauta dos povos da floresta.
Jairo Lima, Cruzeiro do Sul - Acre.

As imagens mais populares da @revistaXapuri

@mister.ytallo

@ericamarlony

@photosbyizalete

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

CAIXA, 156 ANOS. COMEMORAR O QUÊ?

A Caixa Econômica Federal nasceu há 156 anos com a missão de atuar na promoção da cidadania e do desenvolvimento sustentável do Brasil, papel de fundamental importância para o crescimento econômico com justiça social do país.

Mas há tempos isso não representa mais a filosofia do banco que, para piorar a situação, na semana passada anunciou um **novo plano de demissão voluntária (PDV)** para desligar cerca de 10 mil empregados. Uma tentativa do governo Temer de enfraquecer a Caixa e diminuir a atuação dos bancos públicos no sistema financeiro, levando a empresa, um patrimônio do povo brasileiro, à privatização e acabando com o principal agente de políticas públicas de que a sociedade dispõe, como por exemplo o Minha Casa Minha Vida.

Quem perde somos todos nós. De um lado, a decisão afetará negativamente as condições de trabalho dos empregados. Os trabalhadores que irão permanecer na ativa, e que já sofrem com a pressão por metas cada vez mais abusivas, ficarão ainda mais sobrecarregados. Como resultado, haverá um número maior de bancários adoecidos e afastados, piorando as condições de trabalho na Caixa.

Do outro lado, essa medida irá prejudicar o atendimento prestado à população, principalmente a de baixa renda. Os clientes irão se deparar com um número menor de bancários e, consequentemente, com aumento das filas e do tempo de espera e piora dos serviços.

RECLAME NA OUVIDORIA DA CAIXA (0800 726 0101), PROCON (151) OU NO SITE DA OUVIDORIA DO BANCO CENTRAL (HTTP://BIT.LY/2A898VF)

BANCÁRIOS DF
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA

OS SENTIMENTOS QUE MOVEM O MUNDO

Jaime Sautchuk

No Brasil e no mundo, 2016 foi um ano repleto de desgraças, promovidas por parte de seus habitantes. Por mais racionais que sejam, sob o controle de consciências, todas as ações humanas são movidas por sentimentos, da ganância e do ódio que levam a guerras, invasões e golpes, ao amor e à solidariedade que levam ajuda aos desamparados, em busca de um mundo melhor.

Em suas épocas, Cristo, Gandhi e Mandela se notabilizaram pelo sentimento de perdão, em gestos considerados nobres, de acordo com os valores em vigor na sociedade global.

Segundo a bíblia cristã, Cristo perdoou aqueles que o executavam ("eles não sabem o que fazem"). Já a historiografia moderna mostra que Gandhi pregava a igualdade e isentava de culpas as castas que dominavam a Índia. E Mandela conseguiu perdoar as elites brancas da África do Sul, que praticavam o apartheid e mantiveram ele próprio por décadas na prisão.

No entanto, em pleno ano 2016 da era moderna, no país mais potente do Planeta, é eleito um presidente que prega o fim da democracia, símbolo maior da boa convivência humana. Propõe medidas discriminatórias de cor e religião, além da retomada da corrida armamentista, inclusive no campo nuclear.

Donald Trump e seu colega Vladimir Putin, da Rússia, têm mantido contatos em que pregam os sentimentos da ganância e prepotência. Atendem ao pleito das indústrias bélicas, que querem produzir mais armas, aumentando seus lucros, e da sede de poder das elites de seus países.

Os dois revelam, assim, outro sentimento, o esquecimento. Deixam nas gavetas os acordos internacionais que preveem a redução das armas nucleares e reanimam projetos de países que têm aumentado seu arsenal nos últimos anos, como é o caso de Israel.

Este, aliás, na última semana do ano, manifestou seu desdém pelo Acordo dos Dois Estados, em negociação, ocupando novas áreas em território palestino. Por isso, recebeu severa reprimenda do atual presidente dos EUA, Barack Obama, o que de pouco adianta, pois ele deixa o cargo neste janeiro e Trump apoia a ocupação. Sentimentos diversos.

ORIENTE MÉDIO

Além do mais, estão lá, no Oriente Médio mesmo, os focos de eventos que têm provocado as maiores comoções no mundo. Vários conflitos armados, em especial o da Síria, vêm espalhando pelo mundo milhões de refugiados, o que provoca sentimentos múltiplos, muitos dos quais equivocados.

Muita gente em centros da Europa Ocidental, como Itália e Alemanha, por exemplo, parece sentir amnésia de quando países como o Brasil acolheram refugiados de conflitos lá existentes, desde o Século 19.

Também é daqueles tempos, ainda sob o jugo do Império Austro-Húngaro, que poloneses, ucranianos e outras etnias vieram buscar algum conforto pelas plagas daqui.

O mesmo ocorreu durante e após as 1ª e 2ª Grandes Guerras, sendo eles sempre bem acolhidos em solos de todos os quadrantes, inclusive do Brasil. Em parte, eram seguidores da religião judaica. O mesmo ocorreu com os asiáticos, chineses e japoneses em maioria, que também ajudam a formar a amálgama que é a nação brasileira.

Dos povos de origem árabe, então, nem se fala. Creio que não haja nenhuma cidade brasileira, do Caburaí ao Chuí, que não tenha pelo menos uma família de ascendência arábica entre seus habitantes. E agora, em momento crítico, eles chegam aos milhares, ansiosos por amparo.

Ademais, também recebe com igual abraço imigrantes vindos por outras razões, como os haitianos do pós-terremoto, por exemplo.

A última desgraça geológica no Haiti, que já tem bons anos, espalhou gente daquele país mundo afora. Muitos deles vieram pro Brasil, a partir de 2010, e aqui entram pela porteira do Acre, estado amazônico que foi boliviano até 1905 e faz fronteira com a própria Bolívia e com o Peru.

Os haitianos chegam por ali porque é mais fácil. Saem do Caribe até o Equador, passam pelo território peruano e entram no Brasil, no mais das vezes, pelas mãos dos gananciosos coiotes, os agenciadores de mão de obra ou

traficantes de gente do nosso vizinho andino.

De todo modo, os haitianos não são considerados refugiados, pois, em tese, não correm ameaça de morte em seus países. O conceito de "refugiado", pelas normas internacionais, se refere aos ameaçados por razões políticas.

De um lado, estão aqueles cujo sentimento maior é o de desespero: de outro, os da solidariedade. Em verdade, portanto, como disse a ex-presidente Dilma Rousseff em Assembleia da ONU, no início de 2016, "o Brasil é um país de refugiados".

RETROCESSOS

No mundo inteiro, um sentimento de desencanto tomou conta de grande parte das pessoas, o que gerou, em 2016, fortes retrocessos na economia e na política em grande número de países, além dos EUA, caso aqui já abordado. Os políticos e os próprios regimes de governo em vigor caíram em descrédito.

As reações mais sentidas foram de redução no grau de participação na política institucionalizada, com altas abstenções em eleições, e a opção por propostas mais conservadoras, direitistas, com forte tendência ao autoritarismo. Aí se incluem os golpes de estado.

Parte das elites, que apoiavam mudanças sociais, como a maior distribuição de renda, refluíram, voltando seus olhos aos interesses particulares. E nisso foram seguidas por grande parte das classes médias, impregnadas por crises reais ou imaginadas e buscando amparo no dito popular "farinha pouca, meu pirão primeiro".

Trata-se, em vários locais, de um sentimento meio difuso, contraditório até. É o caso brasileiro, em que um golpe foi perpetrado com certo apoio popular, mas o governo resultante do processo padece de altos índices de rejeição. Passa dos 60%, conforme pesquisas do Ibope e do Datafolha.

MEDO

Entra em campo, então, o medo, um sentimento que hoje toma conta de grande parte da população. Começa pelo medo de perder o que possui, ter que dividir com os demais é uma de suas manifestações, que se reflete em ações políticas e do cotidiano. Gastos com supérfluos e com o lazer são visivelmente reduzidos.

É grande, também, o medo de perder a própria vida, diante da criminalidade que assola o País, nas cidades de todos os tamanhos e também na zona rural. Algo em dimensões nunca vistas.

A banalização da vida é sentida e a todos assusta. Não satisfeito com levar seus pertences, o bandido nem pisca ao apertar o gatilho e matar sua vítima. Sociólogos, antropólogos e outros estudiosos buscam explicações, mas não chegam a uma conclusão satisfatória.

Esses bandidos seriam movidos por um sentimento de vingança, por se acharem excluídos pela sociedade. Todavia, dados dos órgãos de segurança confirmam que muitos deles são filhos de famílias bem situadas economicamente, o que torna a análise um pouco mais complexa.

Vemos de igual modo os livres matadores, que atiram em pessoas ou grupos em escolas, centros comerciais, festas e até tribunais. No mais das vezes por motivos fúteis ou mesmo sem justificativa alguma, o que leva a diagnósticos de problemas mentais. Refletem, de todo modo, a vulgarização da agressão extremada.

Ou manifestam preconceitos de modo violento. Como o caso em uma estação do metrô em São Paulo, próximo da virada de ano. Dois jovens de classe média agrediram até a morte um vendedor de rua que tentava proteger dois homossexuais, moradores de rua, que eles estavam maltratando. Dezenas de transeuntes viram o assassinato, mas se mantiveram à distância, apáticos.

SOLIDARIEDADE

Em meio a desgraças, porém, brotam gestos de solidariedade que comovem o mundo inteiro. Foi o que ocorreu após a queda do avião que levava o time da Chapecoense, de Chapecó, Santa Catarina, que iria disputar a final da Copa Sul-americana de Futebol na Colômbia, contra o Atlético Nacional, de Medellin, matando 71 pessoas.

O acidente gerou uma onda mundial de manifestações em solidariedade ao clube, que foram desde a decretação de luto em campeonatos até a premiação da equipe como campeã sul-americana de 2016, título que ela iria disputar dois dias após a data da tragédia, em 28 de novembro passado.

A preocupação de todos era de que a equipe, destroçada no acidente, viesse a cessar suas atividades. Além dos recursos das premiações, no entanto, foi aberta uma campanha nacional que levou milhares de pessoas a se associarem à Chape, como a equipe é carinhosamente tratada pela sua torcida, passando a pagar mensalidades.

Além disso, os principais clubes de futebol do Brasil ofereceram jogadores pra que o time mantenha suas atividades normais este ano e a sua escolinha foi reforçada pra gerar mais jogadores que serão profissionalizados no futuro.

Assim, a população de Chapecó, de cerca de 210.000 pessoas, abalada pelo ocorrido, conseguiu forças pra tocar adiante o apoio ao clube, que já vinha despontando como a grande novidade do futebol brasileiro nos últimos anos.

ESPERANÇA

Solidariedade, amor e piedade são sentimentos que estiveram presentes no mundo inteiro em 2016. Mas, infelizmente, os que mais marcaram foram o ódio, a ganância, a prepotência e o medo em mais um ano de vida da Humanidade. O ano que entra, no Brasil, deverá ser de manifestações contrárias às medidas que vêm sendo propostas e implantadas pelo governo criado após a derrubada de Dilma Rousseff. A indignação toma amplos setores da população.

Esse foi o caso dos estudantes secundaristas que

ocuparam escolas em todo os país. Primeiro, houve a manifestação de São Paulo, contrária à decisão do governo estadual de mudar a localização e a destinação de centros públicos de ensino.

No decurso do segundo semestre, porém, as manifestações tomaram dimensões nacionais, em protesto contra a reforma do ensino apresentada pelo atual governo. As mudanças propostas pelo MEC foram interpretadas como uma tentativa de embotamento da escola pública, incitando a rebeldia da juventude.

A tese da convocação de eleições presidenciais diretas de imediato, como forma de levar o país de volta à normalidade institucional, é um sentimento que vem crescendo a passos largos.

Próximo da virada do ano, morreu Dom Paulo Evaristo Arns, aos 95 anos de idade. Sua caminhada foi marcada por ações firmes em defesa da democracia e dos direitos humanos, especialmente durante o período da ditadura, que ele enfrentou com coragem e determinação.

Ele se dizia triste com os acontecimentos no mundo e no Brasil, mas até seus últimos momentos ressaltava o sentimento da esperança como o mais importante, pois é o que abre as portas do futuro.

No mundo inteiro, o que devemos esperar é que os conflitos sejam equacionados por meio da empatia e solidariedade, em lugar da ganância e prepotência. Que o ódio e a vingança abram espaço ao amor e o perdão.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

CAMPANHA SALARIAL DOS TRABALHADORES DE TI 2017/2018:

NOSSOS DIREITOS ESTÃO EM RISCO

As pré-pautas de reivindicações da campanha salarial das empresas SERPRO, DATAPREV, UNISYS e COBRA, para avaliação dos trabalhadores de TI foram divulgadas pelo SINDPD-DF em seu site, www.sindpd-df.org.br, e no Facebook. As pautas são divulgadas para que os trabalhadores possam analisar e enviar suas sugestões e comentários.

O sindicato tem grande preocupação com a condução lamentável que o Executivo, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal estão tratando os direitos conquistados pela classe trabalhadora. Em tão poucos meses já se fala em uma reforma da previdência nociva. A sensação é de que a classe política e o Judiciário, que se aposentam precocemente, pretendem implantar um regime de trabalho onde não será possível mais se aposentar, com o frágil argumento de que a expectativa e a qualidade de vida do povo brasileiro aumentaram.

"Seremos contribuintes da Previdência Social para sustentar a corrupção e os desmandos de governos irresponsáveis com o dinheiro público. E o que faz o Judiciário, nada. Ajuda a punir trabalhadores como fez o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, ao conceder medida cautelar, a uma federação patronal, para suspender todos os processos e efeitos de decisões no âmbito da Justiça do Trabalho que discutam a aplicação da ultratividade de normas e acordos e de convenções coletivas, contidos na Súmula 277 do STF. Era essa súmula que garantia a manutenção das cláusulas dos acordos e convenções, mesmo que expirada sua validade", afirma Djalma Araújo Ferreira, presidente do SINDPD-DF.

A preocupação do sindicato são as frustrantes negociações coletivas que acabam no Judiciário e, sua morosidade, por não conseguir resolver os conflitos sociais entre trabalhadores e patrões.

Por sua vez, o STF enfraquece a luta dos trabalhadores e de seus representantes legais, os sindicatos. E o que mais esperar quando a instância máxima de justiça do país segue um caminho que entra em rota de colisão direta com os direitos dos trabalhadores. "Vamos ver nossos direitos serem suprimidos sem luta? Não! Cada tentativa de roubo de direitos será duramente combatida. Não temos medo e estamos dispostos ao enfrentamento, pois foi dessa forma que conquistamos cada um dos direitos de nossos acordos e convenções coletivas", afirma Ferreira.

SINDICALISMO E SUSTENTABILIDADE

um caminho possível

Aconteceu, a 17 de dezembro, na sede da Xapuri, nas terras do Bem-Querer, em Formosa, Goiás, o seminário: Sindicalismo e Sustentabilidade – Um caminho possível. Durante um dia inteiro, cerca de 30 lideranças sindicais e dos movimentos sociais de Formosa e região trocaram conhecimento sobre a importância da sustentabilidade para os sindicatos e para os movimentos sociais. Moderaram o encontro: Clever Bonfim (Sintraf-Ride), Iêda Leal de Souza (CNTE, Sintego), Jacy Afonso (Fetec), José Avelino (Fetec), Nilo Diniz (Ambientalista), Nilza Cristina (CUT-Brasília, Sinpro-DF), Zezé Weiss (Xapuri). Miqueias Paz, mímico, cuidou da apresentação cultural. Ao final do seminário, organizado pelo Sintraf-Ride, em parceria com a Fetec, Cut-Brasília e Xapuri, plantou-se um pé de ipê nas terras do Bem-Querer.

Apoio Xapuri SOCIOAMBIENTAL · FETEC CUT Centro Norte · CUT BRASÍLIA

Promoção SINTRAF-RIDE

FENAE TRANSFORMA

Fenae + Yunus

Uma parceria em prol do compromisso com a sociedade.

A Fenae fechou uma parceria inédita no Brasil com a Yunus Negócios Sociais. O objetivo é transformar vidas e construir um país e um mundo melhores.

Saiba mais em www.fenae.org.br.

FENAE APCEF

PROJETO SAÚDE E ALEGRIA:
30 ANOS NO CORAÇÃO DA FLORESTA!

Zezé Weiss

Não é de hoje que o Projeto Saúde e Alegria (PSA) vem mudando a qualidade de vida nas comunidades indígenas, extrativistas e ribeirinhas dos rincões mais distantes da floresta amazônica.

Barco vai, barco vem, já faz 30 anos que um médico-doutor recém-formado no sul do país, de nome Eugenio Scannavino, deu de se embrenhar pela floresta com o sonho de ser mais do que um doutor dos pobres. Eugênio se propunha (e conseguiu) organizar, promover e apoiar processos participativos de desenvolvimento comunitário integrado e sustentável no coração da Amazônia.

Do sonho, que com o tempo foi-se tornando cada vez mais coletivo, surgiu, no ano da graça de 1987, o PSA, junto a 16 comunidades-piloto da zona rural de Santarém, no estado do Pará. O sucesso foi tanto que, a partir de 2000, o Saúde e Alegria foi expandindo gradualmente sua cobertura para além da região de Santarém.

Ao completar seus 30 anos de existência, o PSA atua, hoje, em mais três municípios do oeste paraense: Belterra, Aveiro e Juriti. O público também cresceu: Neste início de 2017, o PSA atende cerca de 30 mil pessoas, em sua imensa maioria pessoas das comunidades tradicionais da floresta.

A razão do sucesso, um dia pensado impossível, de fazer da ação militante modelo de política pública para os povos da floresta? "Trabalhar com o coração", diz Caetano, a outra metade da dupla dos irmãos Scannavino. "Vamos somando esforços para inserir nossas populações nas políticas públicas e vamos, junto com elas, adaptando nossas tecnologias para que sejam instrumentos replicáveis de saúde, alegria e cidadania, sempre com muito compromisso e muito amor no coração", completa Caetano Scannavino.

Os meios para chegar tão longe? Bote na conta o engajamento de uma equipe técnica interdisciplinar, que visita regularmente as comunidades para implementar programas voltados para o ordenamento territorial, fundiário e ambiental; organização social, cidadania e direitos humanos; produção familiar e geração de renda; saúde e saneamento; educação, cultura, comunicação e inclusão digital, sempre com o sabor de uma feliz e compromissada alegria.

Não tem projeto do PSA que não traga em seu bojo a arte, o lúdico e a comunicação como seus principais instrumentos de educação e mobilização. E é assim, usando métodos abertos de construção multilateral do saber, adaptados ao universo cultural local, que o Saúde e Alegria consegue envolver todos os segmentos e faixas etárias, qualificando-os como multiplicadores – lideranças, produtores rurais, empreendedores locais, professores, agentes de saúde, grupos de mulheres, jovens e crianças.

O GRAN CIRCO MOCORONGO

Um dos principais instrumentos do PSA é seu Gran Circo Mocorongo. É por meio dele que ribeirinhos e ribeirinhas vão apresentando músicas, poesias, esquetes educativos, peças culturais, ao mesmo tempo em que vão aprendendo técnicas de comunicação próprias do circo, para tratar dos assuntos cotidianos da vida na floresta.

É assim que vão surgindo os diagnósticos participativos que facilitam o planejamento conjunto e o acompanhamento das ações comunitárias, que se tornam sujeitos do seu próprio projeto de gestão e desenvolvimento.

Nos últimos anos, o ganho de escala, as soluções encontradas, os bons resultados, o amplo quadro de alianças, a mobilização, credibilidade e visibilidade obtidas consolidou o papel do PSA na região como instituição fomentadora de programas de desenvolvimento sustentável.

Em decorrência disso, o PSA vem sendo demandado de forma

crescente para assessorar instituições públicas, privadas, ONGs e movimentos sociais na disseminação de sua experiência, o que oportuniza e cria condições favoráveis para uma nova etapa de trabalho que amplie sua capacidade de transformação social em todos os aspectos.

ENCANTOU-SE O MAGNÓLIO, O PALHAÇO DA FLORESTA

O ano de 2017 começa com uma nota em descompasso para a família do Saúde e Alegria. Em dezembro, encantou-se o Magnólio, o grande educador ambiental, o grande mobilizador social, o magnífico palhaço da floresta, aquele que, nos dizeres da equipe do PSA, "está entre aqueles em que nos espelhamos porque foi um ser de pura energia, vida, MAGia, dentro e fora da Terra, guerreiro da Saúde, alegria do corpo; e da Alegria, saúde da alma".

Para a turma do PSA, Magnólio foi chamado por uma outra região do universo que estava precisando dele, em busca de evolução, mas "Mag vive, aqui, lá, em todos os lugares". E é também por ele, por esse cara incrível que partiu tão cedo (aos 67), que o show deve continuar. "Sim, seguiremos às suas ordens, o show deve continuar! Seguiremos com o Gran Circo Mocorongo! E o maior dos MocorOscars vai para o Magão!".

O projeto segue adiante honrando a memória de um dos seus: "Querido amigo, mestre e irmão Mag, tá duro este momento, mas sabemos que agora você está com todos os Pajés, Lamas e Espíritos nobres, fazendo todo mundo rir por aí, como sempre fez com todos nós aqui na terra... Obrigado por ter existido em nossas vidas e vivido todos os dias tão pertinho de nós... nem sei o que dizer, só que esta tua viagem, para nós que ficamos, dói muito, muito...".

"Por aqui, haveremos de seguir sonhando, de seguir lutando! Beijão, meu querido!", despede-se Eugênio Scannavino Netto, o médico-doutor-sonhador que com seu grupo de mocorongos ousou fazer na Amazônia esse outro mundo que acreditamos ser possível.

Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss

Fotos: Acervo Projeto Saúde & Alegria e Gilvan Capistrano

EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS:
UM DIREITO DO BRASIL

"A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio. "
Martin Luther King

Iêda Leal de Souza

Por que a Educação para as relações etnicorraciais é um tema fundamental que deve ser debatido em todos os espaços da nossa sociedade, especialmente nos espaços escolares do nível básico à pós-graduação? "Porque não se nasce racista, torna-se".

E o racismo é um embrião do Capitalismo, que é o cerne da divisão de classes, onde há exploração do trabalho da população negra; o extermínio da juventude negra passa por assassinatos ou encarceramentos em massa, massacres por exploração de terras.

Tudo isso para manter o "status quo" de uma elite branca. Combater o racismo é lutar contra a exploração de pessoas e em prol da distribuição dos frutos da produção humana. Isso é socialismo. Então cabe a nós, classe trabalhadora, levantar essa bandeira de luta.

Mas o que fazer para implementar esse debate de maneira efetiva? Para alcançar a sociedade e conseguir de forma objetiva mais pessoas com capacidade política e pedagógica para colaborar na luta antirracista precisamos de um trabalho sistemático, que vai além de ações afirmativas. Urge compreendermos que o racismo não é uma luta pequena, mas de grande escala.

No âmago do racismo permanecem a exploração da mão de obra da classe trabalhadora, o conservadorismo em oposição ao respeito às diferenças, a imposição de uma religião dita universal em contraposição às mais variadas religiões ou posições filosóficas que divergem de crenças religiosas, a exploração por meio de um padrão de vida a ser seguido (negro é mão de obra barata, não podendo ocupar espaços de decisões políticas) e a agressividade ao meio ambiente.

Diante desse quadro, precisamos construir a união da classe trabalhadora por meio das forças conjuntas dos movimentos sindicais, movimentos sociais, estudantis, movimentos dos sem-terra e sem-teto, moradores de rua e representantes políticos que verdadeiramente defendam e coloquem em prática uma plataforma socialista. Sem isso, não avançaremos.

Uma situação que tenta dar maior visibilidade aos negros no Brasil é o projeto de cotas na educação e no serviço público. Mesmo se tratando de um projeto momentâneo, merece toda a nossa atenção, bem como todos os cuidados necessários por parte do governo para garantir a entrada e a permanência dos negros no ensino superior e para que também os editais dos próximos concursos respeitem a legislação das cotas, de modo a garantir o direito ao ingresso nos serviços públicos.

As ações afirmativas não configuram privilégios, mas sim atos necessários, que devem ser realizados por nossos governantes, a fim de atenuar a grande desigualdade e toda a destruição que é causada nas vidas dos negros no Brasil. Essa é uma dívida que precisa ser paga imediatamente!

Precisamos que o artigo 5º de nossa Constituição seja amplamente divulgado, pois é fundamental importância o teor de seu inciso XLII, o qual determina que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei. Denunciar é o mínimo que devemos fazer.

A destruição da prática racista se dará quando houver de fato o entendimento e o conhecimento de como se opera o racismo e a compreensão de seus malefícios. E sendo assim, precisaremos preparar as crianças, instrumentalizar os jovens e reeducar os adultos para outra prática, onde possam todos enxergar no próximo uma possibilidade de viver a diversidade com respeito, para que possamos construir uma sociedade igualitária.

Lembremos que existem outros temas que são importantes como o extermínio da nossa juventude, a violência contra as mulheres, a forma absurda como é tratada a comunidade indígena, do mesmo modo que a falta de representatividade dos homossexuais nos espaços e a crescente configuração homofóbica que nossa sociedade tem apresentado; o descaso com o meio ambiente, que ocasiona um imenso dano a nossas vidas; a falta de projetos para amparar nossos idosos, que nos leva à triste conclusão de que não podemos projetar nossas vidas para além do momento atual.

Diante desse quadro, nosso desafio consiste em ter o domínio de como se dá o racismo em nossa sociedade, sua forma perversa de agir, e dar cabo a ele de forma definitiva, usando do nosso poder de conhecer para destruir.

Faz-se, portanto, necessário o estudo e a prática diária das variadas formas de defesa que possuímos, para sobreviver e construir um mundo bem melhor, uma vez que todas as formas de preconceito só serão destruídas quando forem enfrentadas de maneira sistemática, por intermédio de ações diárias de empoderamento político e pertencimento racial da sociedade brasileira.

Conhecer e divulgar a história de luta do povo Negro no Brasil constitui um caminho para o enriquecimento de nosso currículo e nos capacita para falarmos sobre nós, de nós e para nós.

Iêda Leal de Souza
Vice-Presidenta do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Conselheira do Conselho Estadual de Educação - CEE/GO Coordenadora do Centro de Referência Negra Lélia Gonzáles. Vice Presidenta da CUT – Goiás.
filhaleal@yahoo.com.br

RRRRRRRRR-EVOLUÇÃO POLÍTICA

Reinaldo Bueno Filho

Eis em riste, a polis, a ética!
Onde se vê minha bandeira que tão pouco litiga?
Aonde foi meu povo que só grita a cada quatro anos,
em aclamação à empresa futebolística
que se fantasia de patriota conquista?
Por que, então, somos assim
vítimas de nossa própria ignorância?
É a maldita rrrrrrrrr-evolução política!
Acima os velhos infiéis da vida moral justa.
Abaixo aqueles que o povo pede e precisa.
Muito antes, desde antes, vêm:
cães-políticos,
sem politização alguma,
nos avançam sedentos de dinheiro e fama.
Bendita pátria minha,
a política é tudo que temos
para mostrar ao passado e ao futuro
que nós, também,
sabemos mais do que bradar um gol.

Reinaldo Bueno Filho,
Educador. Diretor do Instituto Galileu - Formosa - Goiás

NOSSOS CACHORROS:
MAIS PROTEÇÃO CONTRA A LEISHMANIOSE

Cláudia Costa Saenger

Parece uma questão que gira em círculo, como um cachorro atrás da própria cauda. Os pets são queridos porque são úteis, ou são queridos simplesmente por serem pets, e isso já basta para os tornarem úteis? A questão-tostines pode até gerar uma desconfiança no leitor do tipo "como assim, o bicho precisa ser útil para gostarem dele?".

De fato, os animais de estimação se tornam cada vez mais um membro da família. Não se pode ignorar, no entanto, a quantidade de cães abandonados nas ruas, canis e ongs. Depois que crescem, não fazem mais tantas gracinhas, requerem cuidados maiores e, por fim, muitas vezes são abandonados e passam à condição de animais errantes.

É aí que mora o perigo. Tendo um criador, os cães normalmente são vacinados, diferente do que ocorre com os animais abandonados. As proles dos bichinhos dão início ao ciclo de doenças, uma vez negligenciadas as vacinas, as vermifugações e outros zelos necessários.

Passam a ser ameaças também à saúde pública, como é o caso da doença Leishmaniose, em que os cães são hospedeiros do parasita intracelular Leishmania infantum chagasi. A transmissão ao ser humano se dá por meio do flebotomíneo mais conhecido como mosquito-palha, dentro do qual o parasita completa seu ciclo.

Durante muito tempo se justificou o sacrifício de cães sob o argumento da presença do parasita nas células de defesa do hospedeiro. Mas teve gente que achou ruim a ideia de pôr fim à vida do animal, recorreu à justiça e ganhou, por liminar, o direito de manter o bicho vivo.

Graças à discussão, que se deu pela via judicial desde maio de 2010, os ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Saúde elaboraram uma Nota Técnica Conjunta (número 001/2016) que autoriza a comercialização no Brasil de um medicamento que reduz o efeito dessa doença sobre o animal.

Vale lembrar que o medicamento Miltefosina, princípio ativo do remédio em questão, já é comercializado há muito tempo em outros países, especialmente na Europa. A droga não cura, mas funciona como o coquetel do HIV entre os humanos.

Embora exista a Leishmaniose tegumentar e a visceral, o tratamento é feito apenas no cão acometido pela Leishmaniose visceral, já que a outra forma da doença é menos grave. O medicamento deve ser administrado via oral, na dose de 2mg/Kg/dia, por 28 dias. A previsão para a venda no País é já no início de 2017, sob retenção de receita.

É importante ressaltar que o tratamento de cães com Leishmaniose visceral não se configura como uma medida de saúde pública e, portanto, trata-se única e exclusivamente de uma escolha do proprietário do animal. O controle da doença na população de cães se dá, em tese, pela vacinação contra o parasita.

Cláudia Costa Saenger
Médica-Veterinária da Agrodefesa-GO

JÔ SOARES:
HUMOR DE GENTE SÉRIA

Jaime Sautchuk

Aos 78 anos de idade, o humorista José Eugênio Soares, ou apenas Jô Soares, desde o mês passado não alegra mais as madrugadas na Rede Globo, mas promete não abandonar a telinha. A decisão de encerrar o contrato foi da emissora, que nunca explicou direito as razões do rompimento a nós, mortais.

Contudo, alguns jornalistas que acompanham os bastidores das TVs dizem que a atual direção global acha que Jô tem uma audiência meio intelectualizada, mais restrita em número de espectadores, portanto. Mas há indícios de outros motivos pra que a empresa apressasse a decisão, que já vinha sendo maturada.

A opinião do apresentador sobre a conjuntura política nacional, por exemplo, difere bastante daquela defendida pela Globo. O caso mais notório ocorreu no período pré-impeachment de Dilma Rousseff, quando a emissora se empenhava abertamente em favor da derrubada do governo constituído.

Em meio ao tiroteio propagado pela mídia, ele pediu uma audiência com a ex-presidente, em que manifestou publicamente seu apoio a ela. O encontro foi realizado no Palácio do Planalto, em Brasília, e bastante divulgado pela mídia, especialmente pelo Canal Brasil, a rede pública de TV, e pelas redes sociais na Internet.

O evento desagradou profundamente a cúpula da Globo, incomodada com tamanha autonomia de seu contratado. Logo ela, que impõe rígido controle sobre o conteúdo de sua programação jornalística. Jô, por seu lado, disse em entrevistas que tirava um peso da consciência, em prol da estabilidade institucional do país.

No entanto, em um dia da semana, o Programa do Jô contava com a participação das "meninas do Jô", um grupo de mulheres jornalistas, de outros veículos, que faziam o contraponto. Defendiam ideias em favor do movimento golpista que estava em curso.

Esse grupo foi criado, em verdade, em 2005, com a finalidade de quebrar a presença soberana do Jô como personagem central do programa. Quebrava, na prática, a estrutura central e o próprio cenário do horário, colocando um debate em lugar das entrevistas.

No último programa, dia 16 de dezembro passado, Jô promoveu uma única entrevista, que foi um bate-papo com o veterano cartunista Ziraldo Alves Pinto, o Ziraldo, criador de clássicos como "A Turma do Pererê" e o "Menino Maluquinho", dentre tantos. Um programa histórico, de muita cultura, muitas gargalhadas e lágrimas de Jô ao final.

Hoje com 85 anos, Ziraldo fez lembrar dos tempos da ditadura, em que ele foi um dos editores do semanário "O Pasquim", de humor e crítica, e das incontáveis vezes em que foi preso pelos detentores do poder. Vieram à tona, também, as peripécias de Jô em sua rica trajetória profissional e de vida pessoal.

Nessa caminhada, desde muito jovem, com muita perspicácia e alegria, Jô Soares tirou proveito da sua própria obesidade, característica física que pra muitos vira drama. "Viva o Gordo", de 1981, por exemplo, foi seu primeiro programa solo na TV.

Na mesma época, ele usou esse mote no espetáculo teatral "Viva o Gordo, Abaixo o Regime", que era também uma crítica explícita ao regime militar ainda em vigor, então. O viés político, aliás, sempre foi uma das marcas de seu trabalho, ainda que de forma bem dissimulada.

Outra de suas características é de interferir nos textos dos programas em que atua, mesmo que não estejam sob sua responsabilidade. Assim foi desde sua primeira aparição na TV, no programa "Família Trapo", protagonizado pelo hilariante Ronald Golias e escrito pelo finado Carlos Alberto da Nóbrega, que foi ar entre 1967 e 1970, pela TV Record-SP. Jô era o mordomo.

Nóbrega havia criado o "Baú da Felicidade", um misto de vendas e divertimento, mas vendeu sua parte ao seu sócio, Sílvio Santos, que tornou o programa o carro-chefe da emissora que criou, o SBT. A amizade, porém, permitiu a Nóbrega sugerir a Sílvio a contratação de Jô pra um programa de entrevistas, que era seu sonho, mas a Globo não aceitava fazer.

Assim, nasceu o "Jô Soares Onze e Meia", grande sucesso que durou onze anos, de 1988 a 1999, quando ele voltou à emissora do plim-plim pra apresentar o "Programa do Jô", fase agora encerrada. Esse percurso, entretanto, é entremeado de peças teatrais, filmes, programas especiais e os sete livros que já escreveu.

No final das contas, classificá-lo de "humorista" é muito pouco. Ele é multifacetado. É também jornalista, apresentador, comentarista, escritor, roteirista, dramaturgo, ator, diretor teatral, artista plástico, músico e muito mais do que precisaria uma pessoa que passou a infância e adolescência estudando pra ser diplomata, como ele.

José Eugênio Soares nasceu no Rio de Janeiro, filho único de berço requintado, mas instável financeiramente. Seu pai, o paraibano Orlando Soares era um grande corretor de seguros, que morou muitos anos no exterior. No Brasil, oscilava entre morar no luxuoso Copacabana Palace Hotel e em apartamentos alugados. Sua mãe, Mercedes Leal, era uma dona de casa de muita cultura.

Mimado, comilão, Jô é obeso desde criança, o que o fez vítima de bullying nas escolas e o fazia chorar com frequência. Inteligência fora do comum e muita leitura, porém, o tornavam admirado. Estudou nos colégios São Bento, no Rio, São José, em Petrópolis, e, dos 12 aos 17 anos, em escola na Suíça. Fala cinco línguas.

Desde muito jovem, chamava a atenção por sua verve humorística, o que o aproximou do meio artístico e abriu as primeiras portas no teatro, cinema e TV. Sua primeira atuação no cinema foi no clássico "Pé na Tábua", longa-metragem de Victor Lima, de 1958, com roteiro de Chico Anysio. Desde então, atuou em outros 21 longas.

Dentre os livros que já escreveu, o destaque é o romance "Xangô de Baker Street", comédia ambientada no século 19. D. Pedro II chama o famoso Sherlock Holmes pra investigar o roubo de um violino na corte, mas o detetive inglês se envolve numa série de presepadas com a boemia carioca, comidas exóticas e pais de santo. A obra foi publicada em vários países e virou filme, de que o autor participa.

Jô Soares se casou muito jovem, em 1959, com a atriz Teresa Austregésilo, com quem viveu por 20 anos. Tiveram um filho, Rafael, que era autista e faleceu em 2014. Depois, manteve vários outros casos amorosos com atrizes, com durações bem mais curtas.

Ele diz não temer a morte, por ser inexorável. Mas teme parar de trabalhar. Por isso, agora promete seguir em frente e parece ter aceitado convite feito por Silvio Santos, pra que volte ao SBT. O conteúdo e formato do novo programa ainda é mantido em sigilo pelas partes envolvidas.

Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor

MITOS E LENDAS

A LENDA DE KEREPIYUA:

A mãe, a origem do sonho

Ermano de Stradelli

Para os Tupis é uma velha que desce do céu, mandada por Tupana, e que entra no coração da gente, enquanto a alma foi por este mundo afora, para voltar quando a gente acorda.

Então a alma, de volta, encontra no coração o recado de Tupana e que a velha deixou, esquecendo tudo o quanto viu durante a vadiação.

Como, porém, nem sempre Tupana manda recados, e a alma quando volta relembra muitas vezes, senão sempre, o que viu no tempo em que estava fora, temos duas espécies de sonhos: uns que representam a vontade de Tupana e que o Tapuio acata e cumpre, procurando conformar-se com a vontade neles expressa como avisos divinos; e outros que nada são, e nada valem.

A dificuldade está em distinguir uns dos outros, ofício que pertence aos pajés, embora eles também nem sempre acertem.

As tribos Banivas, Manaus, Tarianas, Barés, etc. dizem que a que desce do céu não é uma velha, mas é uma moça sem pernas, que os Banivas chamam de Anabaneri e que desce de preferência nos raios das estrelas, pelo caminho do arco-íris, pelo que os sonhos mandados por Tupana são os que se fazem de dia.

Para os Tupis, pelo contrário, eram de madrugada, quando a velha descia nos últimos raios das estrelas.

Fonte: Lenda e Biografia de Stradelli. Luís da Câmara Cascudo, Antologia do Folclore Brasileiro – Volume 2, Editora Global, 2002.

Ermando de Stradelli (1852–1926) – Conde de Stradelli, nasceu em Borgotaro, Piacenza, Itália, a 8 de dezembro de 1852, e faleceu em Umirisal, perto de Manaus, a 24 de março de 1926. Estudou otimamente costumes, superstições e lendas dos indígenas amazonenses, em cujo ambiente se adaptou. Seu trabalho principal, publicado depois de morto o autor, com o simples título de "Vocabulários", é indispensável pela variedade da informação.

SINDICOM-DF
Sindicato dos Comerciários do Distrito Federal

O Sindicato dos Comerciários no DF nasceu em 1963 e em 50 anos cresceu muito.

De uma pequena sala no Setor Comercial Sul, o Sindicom tem um patrimônio que orgulha a categoria. Foi uma luta que envolveu muito suor, trabalho e atuação fundamental dos filiados. Vamos dar destaque para os últimos 20 anos, que concide com o processo de democratização do país cujo qual valorizou o trabalhador no comércio.

A verdade é que a diretoria colegiada e a presidente, Geralda Godinho, fazem questão de mostrar toda essa estrutura que se encontra disponível para a categoria e trabalhadores em geral.

A pequena sala sede hoje é o andar inteiro com consutórios médicos, odontológicos, homologação, departamento jurídico, apoio de base e imprensa. Em Taguatinga tem sede também contando com o que há de mais moderno para atender os associados. As subsedes se encontram em Sobradinho e Gama.

O Clube dos Comerciários conta com uma mega estrutura de lazer, com piscinas, churrasqueiras, restaurante, área verde, salão de jogos, campo e futebol, campo de areia e o salão de festas.

REDE DE ATENDIMENTO:

BRASÍLIA
Setor Comercial Sul, quadra 6, edifício José Severo, 7º andar
Tel: 3038-2200 / 3224-1584

TAGUATINGA
Endereço: QNE 31, lote 2
Taguatinga Norte. no horário das 8h às 18h - Tel: 3037-8812

SOBRADINHO:
Quadra 8, Bloco 18, Loja 9 - Sala 4.
Tel: 3487-2586

GAMA:
Edifício Office Center 3° andar sala 309 Setor Central do Gama.
Tel: 3384-6747

CLUBE
Fazenda Ponte Alta Norte V Gleba A - Número 25 - Núcleo Rural Casa Grande - CEP 72-400-000 - Recanto das Emas - DF - Fone:(61) 3404-0851

presidencia@sindicomdf.com.br
sindicatodoscomerciarios.dodf
site: www.sindicomdf.com.br

3224-3808 / 3038- 2200 / (Fax) 3224-1584

Orgulho de ser Comerciário, esse é nosso lema! Filie-se

Estudante Matheus Coelho entre os professores Cláudio Rabelo e Hellen Falcão

Deva Garcia

Centro de Ensino Médio 1 de Brazlândia desenvolve produção integrada de peixe e vegetais

Implantar um sistema de produção de pescado e vegetais no sistema aquapônico, demonstrando a importância do uso racional do recurso hídrico na produção de alimentos saudáveis, com redução nos impactos ao meio ambiente. Além disso, aplicar a relação teoria-prática na atividade pedagógica, aprimorando a capacidade do estudante na resolução de problemas pelo uso do conhecimento acadêmico.

Com esses objetivos, professores do Centro de Ensino Médio (CEM) 1 de Brazlândia - escola que atende a cerca de 1.300 estudantes, com idades que variam dos 14 aos 18 anos – foram à luta e montaram um sistema que promete muito.

O processo em si é bastante simples. Por meio de uma bomba d'água, a mesma água em que são criados os peixes é puxada e utilizada para irrigação dos vegetais. Por sua vez, no processo de irrigação, a água excedente – já tratada naturalmente (filtro biológico) – volta ao tanque dos peixes. Forma-se, então, um círculo virtuoso.

A professora de biologia Hellen Falcão explica que o projeto é desenvolvido, há cerca sete meses, por quatro professores e oito estudantes, como Matheus Coelho e Alex Chagas, ambos do 1º ano.

"Os canteiros recebem mudas de alface ou cebolinha, por exemplo, tendo como substrato a argila expandida. A circulação de água do tanque para o 1º canteiro é feita por meio de bomba d' água, sendo o restante do percurso feito por gravidade. O peixe escolhido foi a tilápia – pelo sabor e preço -, alimentada com ração", explica Hellen.

A aquaponia representa uma alternativa viável para a produção de pescados e de vegetais

Arquivo da Escola

De acordo com a professora, este sistema (Aquaponia) representa uma alternativa viável para a produção de pescados e de vegetais de maneira menos impactante ao meio ambiente, pelo reuso da água no sistema de criação. "O bom é que esse sistema pode ser implantado em qualquer local, como pequenas residências, escolas ou em escala comercial, permitindo o consumo de peixes e plantas, gerando segurança alimentar, renda e saúde", disse.

Paralelamente, o professor Cláudio Rabelo enfatizou que a aplicação prática de conceitos acadêmicos permite demostrar aos estudantes o uso de diversas áreas do conhecimento na solução de problemas, associados à produção de alimentos. "Aplicamos diversos conhecimentos relativos à Biologia, como conceitos em ecossistema e tratamento de efluentes, piscicultura e olericultura. Áreas como Física e Química também foram importantes, tais como análise de água, incluindo teor de oxigênio dissolvido, pH, amônia, turbidez e comportamento dos fluidos", contou.

O resultado esperado por todos é, em 2017 – quando as tilápias estiverem maiores -, reforçar a merenda escolar com vegetais e peixes produzidos na própria escola, de maneira saudável e sustentável.

O projeto foi tão bem aceito que acabou por representar o CEM 1 de Brazlândia na etapa final do VI Circuito de Ciências das Escolas da Rede Pública de Ensino do DF, em dezembro passado.

NÍSIA FLORESTA: PIONEIRA DO FEMINISMO NO BRASIL

Iêda Vilas-Boas

Nasceu Dionísia Gonçalves Pinto, em Papari – hoje cidade Nísia Floresta – Rio Grande do Norte, em 12 de outubro de 1810. Viveu como Nísia Floresta Brasileira Augusta. Em seu pseudônimo, Nísia demonstrava o sentimento ufanista ao país, ao sítio onde viveu e ao grande amor de sua vida.

Faleceu em Rouen, França, em 24 de abril de 1885, de pneumonia. Quase setenta anos depois, em agosto de 1954, seus despojos foram levados para sua cidade natal, que já passara a se chamar Nísia Floresta. Inicialmente ficaram na igreja matriz, posteriormente foram depositados na morada perpétua no sítio Floresta.

Considerada uma grande feminista do Brasil, Nísia pertencia a uma família burguesa de origem portuguesa, com tendências políticas progressistas e liberais, o que não impediu que fosse dada em casamento aos 13 anos de idade para um grande proprietário de terras chamado Manuel Alexandre Seabra de Melo.

O casamento precoce deixou a menina muito infeliz. Após alguns meses abandona o marido e, em atitude corajosa, retorna à casa dos pais que, por conta da onda antilusitana que invadia o país no período pré-independência, eram obrigados a deslocar-se pelo país. Nísia, em idade dos primeiros estudos, se encontrava na cidade de Goiana em Pernambuco, onde muito aprendeu com as irmãs do convento Carmelita.

Aos 22 anos, em 1828, já casada com seu segundo marido Manuel Augusto de Faria Rocha, pai de sua filha Lívia Augusta, publicou seu primeiro livro: "Direitos das mulheres e injustiças dos homens". Por pressão do ex-marido abandonado, que ameaçava processá-la por abandono de lar e adultério, Nísia muda-se para Porto Alegre.

Exceção às mulheres de seu tempo, Nísia não fazia o tipo sinhazinha, sabia ler e escrevia muito bem, cumpria atividades extra-domésticas e já se embrenhava pelos caminhos políticos. Queria o país livre e com oportunidades iguais para todos, em gênero e em classe social.

Inspirado no livro da feminista inglesa Mary Wollstonecraft: Vindications of the Rights of Woman, "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" foi o primeiro livro escrito por Nísia, e o primeiro no Brasil a tratar dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho.

Seu livro, de reflexões nacionalistas, surge como o texto fundante do feminismo brasileiro e dá a Nísia o título de precursora do feminismo no Brasil e na América Latina

Em 1833 perde o amado Manuel Augusto. Essa dolorida perda vai refletir na escrita de Nísia em suas cartas autobiográficas. Em 1835 inicia-se a Guerra dos Farrapos. Às mulheres cabia o papel de ficar em casa e defender suas propriedades dos perigos emanados pelos farroupilhas. O discurso de Nísia embasava-se pela defesa do patrimônio.

Em Porto Alegre, onde fica até 1837, manteve profícua amizade com os revolucionários Anita e Giusepe Garibaldi. Mas era só, com filha pequena, e com os malogros da guerra segue mudança para a corte do Rio de Janeiro.

Preocupada em ampliar horizontes, inaugura, funda e dirige os colégios Brasil e Augusto, conhecidos pelo alto nível de ensino, e dedica-se diuturnamente à profissão de educadora. Naquele espaço educacional, Nísia defendia seu pensamento e sua posição revolucionária.

Sua obra escrita, os ensinamentos passados aos alunos, seus ensaios traziam e enfatizavam a temática feminina. Nísia sabia lidar com as barreiras entre o público e o privado e seus textos serviam de referência, quando a imprensa nacional ainda ensaiava os primeiros passos.

Sua obra também pode ser considerada como referencial de pesquisa, pois se valia de dados oficiais das escolas no Brasil para questionar o que era ensinado e destinado à mulher naquele momento. Em seus escritos, tomou lado em defesa dos direitos das mulheres, dos índios e dos escravos.

Posicionou-se veementemente contra o sistema de Ensino das Escolas da Corte que, até onde permitiam, às meninas-mulheres resumiam o aprendizado de etiquetas, boas maneiras, o gosto pelas futilidades e o alheamento ao mundo exterior.

À época, as escolas preparavam as moçoilas para serem e reproduzirem o papel e as máscaras destinadas à Mulher. A educação para moças era conduzida por estrangeiros e por professoras sem as devidas habilitações. Nísia questionava também o ínfimo número da participação feminina nas escolas e o precário grau de instrução que lhes sobrava.

Muito à frente de seu tempo, Nísia, que viveu 30 anos na Europa e já detinha em si ideais revolucionários, recebia influência do amigo positivista Augusto Comte que considerava as mulheres como importantes figuras sociais, inclusive, fundamentais para o crescimento e desenvolvimento das sociedades.

Em 1849 segue para Paris para tratar de sua filha ferida gravemente em acidente e só retorna ao nosso país entre os anos de 1872/75, em plena campanha abolicionista liderada por Joaquim Nabuco.

Retorna para a Europa em 1875 e publica sua última obra ainda inédita em tradução e lançamento no Brasil: Fragments d'un ouvrage inédit: Notes biographiques (Fragmentos de um material inédito: Notas Biográficas). O pensamento nisiano norteou escritores, entre eles o romântico Joaquim Manuel de Macêdo, autor de A Moreninha.

A feminista, educadora, escritora e poeta Nísia Floresta deixou importante contribuição para os estudos feministas de outrora e de além, na medida em que sua obra serve como material a ser usado pela Literatura Comparada como: Conselhos a minha filha, de 1842; Opúsculo humanitário, de 1853; A Mulher, de 1859.

Iêda Vilas-Boas
Escritora

Foto: basilio.fundaj.gov.br/

Foto: Acervo Sintego

2017: O QUE NOS ESPERA É MAIS LUTA!

Um dos piores efeitos da PEC 55, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente da República em dezembro de 2016, portanto agora Emenda Constitucional (EC) 95 é seu impacto sobre a Educação.

O novo projeto de Nação, colocado em curso pelo governo golpista de Michel Temer, praticamente anula todas as conquistas sociais das últimas décadas. Na Educação, o governo não só desmonta programas fundamentais como o FIES e o Pronatec, como caminha para a privatização descarada do sistema público de ensino, inviabilizando, assim, o acesso dos filhos e filhas da classe trabalhadora ao ensino básico de qualidade), ou mesmo ao ensino superior.

Em Goiás, o governo do tucano Marconi Perillo terminou o ano de 2016 ignorando o cumprimento da Lei do Piso de Data-Base para mais de 45) mil profissionais da Educação, e segue insistindo na privatização do ensino público por meio das Organizações Sociais, conhecidas como OSs mesmo com a decisão da justiça de anular o terceiro edital.

Para o Sintego e para os movimentos sociais, 2017 será, portanto, um ano de luta e de resistência.

MEDIDAS DE TEMER PARA O DESMONTE DA EDUCAÇÃO

O plano de desmonte da Educação brasileira pelo governo golpista de Michel Temer começa pelo delineado no projeto "Uma Ponte para o Futuro", lançado pela Fundação Ulysses Guimarães em novembro de 2015, já para o caso do peemedebista conseguir chegar ao poder pelo golpe.

O documento traz as bases do pacote de maldades que vem sendo aprovado na EC 95, nas PECs das Reformas da Previdência e Tributária e na MP da Reforma do Ensino Médio, que incide e impacta diretamente o Plano Nacional de Educação.

Aprovado pelo Congresso Nacional (Lei 13.005/14), o PNE assegurou 7% do PIB para a educação pública brasileira. Com os investimentos sociais e educacionais congelados pela EC 95, não existe mais segurança de que o mínimo estipulado em Lei será mantido para a Educação.

Para Bia de Lima, presidenta do Sintego, o impacto mais certeiro de Temer para acabar com as conquistas da educação pública é a Reforma do Ensino Médio, consolidada na Medida Provisória (MP) 746/2016. "A combinação entre a EC 95 e a MP 746 será fatal para o Plano Nacional de Educação", diz Bia.

A MP do Ensino Médio torna optativas disciplinas como Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia. Apenas Matemática, Português e Inglês continuam como obrigatórias para o fim do ciclo (das 13 atuais, ficam só 3); amplia a carga horária de 800 para 1.400 horas anuais, e põe fim ao ensino noturno que, se efetivado, vai retirar da escola 2,9 milhões de alunos, cerca de 1/3 dos estudantes do Ensino Médio.

Para o coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), Daniel Cara, "essa reforma é uma falácia, porque não resolve as questões estruturais, como a formação de professores e pontos que eram demandas dos milhares de estudantes que ocuparam as escolas, como a redução do número de alunos por classe".

Para Daniel, a reforma é também inoportuna, despreparada e apressada: "Em nenhum lugar do mundo uma reforma dessa envergadura é colocada em prática dessa forma. Na Austrália se levou dois anos, na Finlândia, 10. É preciso um debate sério, é preciso ouvir professores e alunos. A MP é autoritária, permitindo que o Executivo aja como um superlegislador. Houve pressa para atender a demandas de grupos educacionais."

A DESVINCULAÇÃO DOS RECURSOS DO PRÉ-SAL

A lei que destinava a maior parte dos recursos do Pré-Sal para a educação foi assinada pela presidenta Dilma Rousseff em 09 de setembro de 2013. Pela Lei 12.858, 75% dos royalties do petróleo e 50% do chamado Fundo Social do Pré-Sal foram destinados à educação – uma espécie de poupança feita com parte dos recursos originários da exploração petrolífera do país, paga ao Estado brasileiro pelas empresas que exploram o Pré-Sal.

Para o então ministro da Educação, Aloizio Mercadante, a alocação dos royalties para a Educação consistiria no "investimento mais promissor do Estado brasileiro". Na mesma linha, a presidenta Dilma afirmou, à época, que a Lei do

Pré-Sal permitiria ao Brasil "dar um salto de qualidade de ensino no Brasil e em todas as atividades, da criação científica até a economia".

Com o golpe parlamentar-jurídico-midiático consolidado em 31 de agosto de 2016, o quadro muda desfavoravelmente. Com as privatizações em curso, menos recursos ficarão disponíveis e, mesmo que fossem fartos, o governo atual já indicou seu desinteresse em continuar alocando os recursos dos royalties para a Educação, nos termos da Lei. Com a aprovação da EC 95, as disposições legais anteriores praticamente deixam de existir.

GOIÁS E O PACOTE DE MALDADES DO GOVERNO PERILLO

Em Goiás, as coisas também cambaleiam. Embora, o governador Marconi Perillo tenha sancionado, no apagar das luzes, no dia 27 de dezembro, a Lei n. 19.564 que reajusta os salários dos professores PI, PII e Quadro Transitório em 11,36%, a partir do mês de janeiro de 2017, com o pagamento do retroativo em sete parcelas, a questão maior, o pagamento do Piso para os professores PIII e PIV ficou de fora.

Essa Lei de dezembro/16 beneficia cerca de 550 professores que receberão o reajuste já na próxima folha. Ao ignorar o pagamento do Piso para os mais de 30 mil professores PIII e PIV, o Governo Perillo exclui, mais uma vez, cerca de 80% do professorado goiano do reajuste do Piso Salarial Nacional.

O reajuste para todos os professores, sem distinção, está previsto na Lei do Piso 11.738/08, e o Sintego buscou negociar insistentemente essa questão com o Governo do Estado durante todo ano. A bancada de oposição da Assembleia Legislativa, a pedido do Sintego, apresentou emenda para que os professores PIII e PIV fossem incluídos no reajuste, no entanto a emenda foi derrubada pela bancado governista.

RESISTIR, É PRECISO!

Em 2017, o Sintego implementará seu Plano de Lutas 2017-2020, aprovado em seu 10º Congresso, realizado em Goiânia em dezembro de 2016, e seguirá lutando contra essa ordem atual desumana e injusta. Para isso, seguirá articulando todas as forças sociais comprometidas com a resistência do desmonte das conquistas sociais e da Educação brasileira.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

EFEITOS DO GOLPE:
PISO E DATA-BASE CORREM PERIGO.

ZEQUINHA DO PINDUCA

Altair Sales Barbosa

Antes da construção de Brasília, final da década de 50 e início dos anos 60, os meios de transportes rodoviários e ferroviários praticamente não existiam no centro-oeste brasileiro. O pouco de malha rodoviária ligava apenas alguns pontos considerados politicamente importantes, e a rede ferroviária menos ainda, qual cascavel solitária, serpenteava de um ponto a outro, alimentando entre os dois, pequenos povoados ou simplesmente estações.

Porém isso ocorria nos centros mais desenvolvidos. Nos chamados sertões de dentro a comunicação era extremamente precária, mas nem por isso deixava de existir. Contribuía para esta situação a inexistência de infraestrutura viária, incluindo a inexistência de pontes, onde a fartura de água nos rios era um obstáculo.

Apesar de tudo, a comunicação e o comércio existiam entre os povoados, vilas e pequenas cidades, que se constituíam em polos com várias denominações locais. A trilha, para quem vinha da Bahia em direção a Formosa, em Goiás, e vice-versa, conduzia obrigatoriamente em direção a um sinistro e temido local denominado Serra do Pinduca.

Este nome se originou porque no local existia um próspero, valente e temido proprietário conhecido pelo nome Zequinha do Pinduca. Sua propriedade era local obrigatório de parada e pouso dos tropeiros. Não tinha outra opção, mesmo que se estudassem outras possibilidades de trajeto, era como se fosse um funil em direção a Formosa.

Contam os antigos que Zequinha de Pinduca tinha a fama de acolher bem os tropeiros, oferecia a estes pouso gratuito, alguma comida e redes para dormirem. Porém, durante à noite, quando os tropeiros descansavam e estavam desprevenidos, seus capangas os atacavam, matavam todos e juntavam o gado com o gado de Zequinha.

Dessa forma, Zequinha do Pinduca foi construindo sua pequena fortuna. Dizem que várias caravanas de tropeiros foram desmanteladas da mesma forma. Como a comunicação era difícil, a notícia não se espalhava rapidamente, por isso a situação se repetia. Mesmo os tropeiros avisados eram presas de emboscadas dos capangas de Zequinha do Pinduca. Alguns conseguiram sobreviver para contar a história, outros não tiveram a mesma sorte.

Contam que, em certa ocasião, um vaqueiro oriundo do povoado do Mocambo, situado na Bahia, sobrevivente de uma das emboscadas, organizou uma caravana de tropeiros em direção a Formosa, cidade de intenso comércio, conhecida à época como Formosa dos Couros, em função do comércio deste produto.

Só que os tropeiros que integravam tal caravana, na sua maioria, eram jagunços treinados, dos coronéis do Vale do São Francisco. E assim, o vaqueiro do Mocambo organizou a caravana. Ao chegar à Serra do Pinduca, os tropeiros da dita caravana foram logo bem acolhidos pelo pessoal do Sr. Zequinha.

Organizaram o acampamento no local previamente cedido, armaram as redes, jantaram e se portavam como se nada acontecesse. Mais tarde, após alguma rodada de prosa fingiram que iriam dormir. Esperaram pacientemente os jagunços de Zequinha do Pinduca, fingirem que também iriam para seus locais dormir. Aproveitaram a distração destes e numa manobra rápida, saíram das redes e colocaram nestas toras de madeira e ficaram na espreita.

Algum tempo depois, chegam sorrateiramente os jagunços de Zequinha, todos empunhando afiados facões. Simultaneamente desferem golpes mortais sobre as redes. Neste momento, os disfarçados tropeiros aparecem armados de cravinote e chumbeira e desferem tiros certeiros nos jagunços de Zequinha da Pinduca.

Zequinha conseguiu fugir, nunca mais foi visto.

Após o acontecimento a trilha para Formosa ficou livre. Entretanto, pouco tempo depois, já começou o movimento para a construção de Brasília e a função de tropeiro foi paulatinamente desaparecendo na região.

Contam que Zequinha do Pinduca veio a falecer na década de 1970 no município de Formosa e que morreu como um desconhecido. No seu velório compareceram apenas duas pessoas.

Altair Sales Barbosa
Excerto do livro "O piar da Juriti Pepena" –
Editora PUC Goiás – 2014

TEMER & TELES: UM DOS MAIORES GOLPES NO PATRIMÔNIO PÚBLICO

Vanessa Grazziotin

Sorrateiramente, Michel Temer e aliados tentaram aplicar um dos maiores golpes contra o patrimônio público e o povo: mudar a Lei Geral das Telecomunicações e transferir aproximadamente R$ 100 bilhões de bens públicos a empresas privadas.

Isso ocorre no momento em que o país atravessa grave crise econômica. O governo congela ações e programas públicos e penaliza trabalhadores e aposentados exatamente sob o pretexto de eliminar gastos públicos. Ou seja, para o povo, sacrifícios; para as teles, R$ 100 bilhões de generosidade. Quanto despautério!

O caráter entreguista do Projeto 79/2016 é evidente. Transfere ao patrimônio das empresas vasta infraestrutura pública: rede de cabos de cobre e fibras ópticas, dutos subterrâneos, edifícios, lojas, centrais de comutação, centros de controle, etc., que estão sendo utilizados por elas desde a privatização, em 1998, e que deverão retornar à União em 2025 com o término da concessão.

A pretensão era transformar as concessões em autorizações, repassando esses bens definitivamente para as empresas privadas, sem qualquer contrapartida.

Ficaria a cargo da Anatel definir, com elas, as eventuais regras de investimentos. Mero exercício de abstração e subjetividade.

As empresas ficam desobrigadas da universalização do serviço e asseguram a possibilidade de transferência e renovação das autorizações e de usar satélites brasileiros indefinidamente.

Isso é ilegal e imoral. Um crime de lesa-pátria! Agravado pela suspeita levantada de que o governo age para ajudar uma das operadoras em situação pré-falimentar.

A tramitação do projeto no Senado foi "the flash" e quase clandestina. Oriundo da Câmara, ele chegou e foi lido no plenário na noite de 30 de novembro. Depois foi remetido a uma única comissão (temporária), presidida pelo senador Otto Alencar (PSD-BA), que se autonomeou relator e, pasmem, entregou o relatório já no dia seguinte.

Sem qualquer respeito aos prazos regimentais, um projeto complexo e estratégico à nossa soberania foi votado na comissão sete dias depois.

Contra essa manobra, restou-nos apresentar recurso e recorrer à Justiça, uma vez que o projeto não poderia tramitar apenas na comissão especial, sem avaliação do plenário. Um verdadeiro acinte contra a nossa instituição e o Brasil.

Felizmente, pelo menos esse golpe foi barrado, devido à imediata reação de parlamentares da oposição e de entidades do movimento social.

Vanessa Grazziotin
Senadora. Estado do Amazonas. Texto publicado em sua coluna no jornal Folha de São Paulo em 03/01/2017

CUT
FITRATELP
SINTTEL SINTPq SINTELMARKETING SINTRATELE

MOCÓ:
UMA ESPÉCIE AMEAÇADA PELA CAÇA

Eduardo Henrique de Sá Júnior

O mocó (Kerodon rupestris Wied-Neuwied, 1820) é uma espécie de mamífero endêmico do Nordeste brasileiro, frequentemente encontrado nos afloramentos rochosos da Caatinga.

Seu nome deriva do tupi mo'kó, que significa "animal que rói". Pertence à família Caviidae, que inclui outros roedores presentes na América do Sul como o preá e a capivara, cuja característica marcante é a cauda atrofiada.

O mocó alimenta-se de folhas, frutos e sementes de plantas da Caatinga. Quando a população desse roedor aumenta excessivamente, pode ocorrer a morte de algumas plantas próximas aos afloramentos rochosos onde habitam.

Isso ocorre porque na ausência de folhagem durante o período seco uns dos poucos recursos alimentares que restam são as cascas dos caules de algumas plantas, que não resistem à retirada excessiva de suas cascas e caules.

O aumento da população do mocó pode ocorrer devido à falta de predadores naturais como, por exemplo, o gato vermelho ou mourisco, os gaviões, os furões, as cascavéis e as jiboias. Isso indica um desequilíbrio ambiental, pois todas essas espécies são afetadas de forma direta ou indireta pela progressiva exploração insustentável dos recursos naturais da Caatinga.

Por apresentar uma carne muito apreciada no Nordeste, o mocó tem sua sobrevivência ameaçada pela caça. No entanto, sua agilidade e capacidade de fuga em ambientes pedregosos, além de seu olfato aguçado, têm garantido a permanência desse mamífero ao longo dos anos.

Dessa forma, quando é percebida a aproximação de uma ameaça, esses roedores emitem um som de alerta que pode ser ouvido a longa distância, chamando a atenção dos demais membros do grupo.

Fotos: Eduardo Henrique de Sá Júnior

Eduardo Henrique de Sá Júnior
– Estudante de Agronomia na UFRPE, administrador da página Viva Caatinga, fotógrafo da natureza.

FAZENDA MILHÃ:
UM OÁSIS NO CAMINHO DO SOL

Eduardo Pereira

Pra quem decide enfrentar os 11 dias de caminhada pelos 241 quilômetros do Caminho do Sol, que vai de Santana de Paranaíba a Águas de São Pedro, justo na metade da jornada, a pessoa peregrina encontra o providencial oásis da Fazenda Milhã, no município de Capivari.

Depois de seguir por cinco dias em jornadas escaldantes entre imensas extensões de canaviais onde, segundo um caminhante, "a única sombra que se vê é a própria sombra", no sexto dia a paisagem muda.

Daí, até chegar à Pousada da Fazenda Milhã, são cinco quilômetros de caminhada entre frondosas árvores de uma mata ciliar exuberante às margens da represa que fornece a água boa que abastece a população de Capivari.

"Eles chegam entre uma e duas horas da tarde, caindo das pernas, muito cansados, mas também muito animados. Descansam, visitam nossos jardins e mandalas, jantam, dormem, e no dia seguinte seguem rumo à Casa de Santiago, em Águas de São Pedro. Em geral, os grupos são de 10 a 20 pessoas. Mas também chegam grupos maiores, de mais de 50 caminhantes", diz Maria Christina Pacheco, sócia-proprietária da Fazenda Milhã.

Os grupos maiores são sempre recebidos no Casão, estrutura centenária construída por escravos no final do século XIX. "Ao receber os peregrinos, honramos os escravos e caboclos que ajudaram meu bisavô a construir o Casão, inaugurado em 1839. Faço parte da quarta geração de cuidadores deste espaço sagrado. Espero que, depois de mim, o projeto prossiga com a quarta geração, sob os cuidados de meu filho José Luiz, "completa Christina.

O CAMINHO DO SOL

A participação no roteiro do Caminho do Sol, que é o correspondente brasileiro do milenar Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, se deu por iniciativa de Maria Christina Pacheco, que procurou se integrar desde o começo do projeto, em 2002.

"Li, em uma matéria de jornal, que José Carlos Palma planejava o roteiro passando por Capivari. Procurei a Secretaria de Cultura Municipal e ofereci a Fazenda Milhã para a hospedagem, sem ter ideia do que vinha pela frente. Nossa primeira recepção foi para um grupo que já tinha feito o Caminho de Santiago. Fizeram reserva para 20. Chegaram 99 caminhantes.

Desde então, cerca de 11 mil peregrinos já fizeram o percurso. Antes de iniciar a caminhada, em Santana do Paranaíba, os participantes acompanham uma palestra e recebem um guia. Aqui na Fazenda Milhã, organizamos um receptivo com água e maçãs assim que se aproximam da área verde da represa. E durante todo o tempo que passam conosco procuramos animá-los com mensagens motivacionais. Foi e é um desafio e tanto", diz Christina.

Fotos: Acervo Fazenda Milhã

BOLACHA DE CINCO PRATOS

Pecado da infância

Lúcia Resende

Fosse noite, fosse dia, fizesse chuva, fizesse sol, de segunda a segunda, de janeiro a janeiro, não havia quem chegasse àquela casa velha de tábuas e não a encontrasse.

No cômodo anexo à cozinha, na despensa, lá estava ela. Guardada em uma lata ou num pote de vidro, sempre com tampa, na parte direita do antigo guarda-comida.

Ali, no guarda-comida (que é como se chamava o armário onde se guardavam os quitutes), sempre protegida de formigas, baratas e ratos, com cuidados que iam desde a tela protetora até as armadilhas que sustentavam os pés do armário e mantinham longe os invasores, é que a bolacha de cinco pratos, herança da vó Enézia Cândida de Oliveira, fazia morada.

Ela mesma, ao lado de outras delicitudes que são hoje objeto de confissões das crianças que frequentavam a casa da tia Baíla (Debraíla Vilas Boas), ali na beira do Rio Grande, na fazenda Aldeia dos Índios. Desde senhores e senhoras quase ou já sessentões até a moçada mais nova que teve o privilégio de por ali estar até a partida da velhinha de mais de 90 anos, no começo deste século, cada qual tem uma história pra contar e pra quase se envergonhar.

Não há quem não se lembre dos pequenos furtos feitos à noite, no entremeio das idas ao banheiro, ou mesmo à luz do dia, quando a janela ao lado servia para a espreita, antes do gesto escondido, do mastigar apressado, da mão passada na boca para esconder o malfeito. Eu fiz, todos e todas fizeram, mas só agora as confissões emergem, fazendo com que cada qual perceba que o segredo de então era na verdade um bem coletivo.

Felizmente a herança ficou. Antes de ir, ela ensinou a receita a muita gente, inclusive a mim. Pois aqui está, pra quem quiser conferir e ver que as crianças da casa da tia Baíla não tinham como escapar do pecado.

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

BOLACHA DE CINCO PRATOS

1 prato de polvilho
1 prato de farinha de trigo
1 prato de maisena
1 prato de açúcar cristal
1 prato de queijo ralado
2 ovos
1 colher de sopa cheia de pó royal
1 pitada de sal
Nata o quanto baste

Atenção!

- O prato de medida é fundo, pelo vinco. Em substituição, pode-se usar um copo duplo.
- Se não houver nata, você pode usar duas colheres de sopa cheias de manteiga e acrescentar leite aos pouquinhos, até dar o ponto.

MODO DE FAZER

Em uma bacia, misture todos os ingredientes secos e misture bem. Em seguida, acrescente os ovos e vá amassando com nata, colocando aos poucos, para não desandar. Quando estiver uma massa macia, firme, enrolar numa mesa ou balcão, cortar as bolachas, amassar levemente com garfo e levar ao forno para assar. Para desenformar, deixe esfriar. Sirva com café, chá, geleia e tudo quanto a imaginação e o paladar permitirem. Agora, não deixe de comer ao menos uma assim como faziam aquelas crianças, de modo furtivo e apressado... aí, não há como resistir. Hummm...

Fotos: Lúcia Resende

CADÊ O MEU RIO DOCE?

Trajano Jardim

Em 1832 começou a navegação no Rio Doce por meio dos barcos a vapor, que escoavam a produção agrícola até o litoral do Estado. Com a intensificação do movimento comercial pelo rio, entre Regência Augusta e o Porto do Souza, e os estímulos oficiais, com maior povoamento nos extremos da linha, alguns anos depois, surgiu o interesse pela colonização da região intermediária: a região onde se plantaria a futura cidade de Colatina seria palco da primeira tentativa de colonização organizada na região.

O povoamento do Vale do Rio Santa Joana se deu por alemães e italianos. Em Itapina, na Barra do Rio Lajes, ao sul do Rio Doce, os imigrantes eram alemães, italianos e brasileiros de Minas Gerais, como Osvaldo Costa e Antonio Felisberto. Em 1907 foi construída a Estação Ferroviária, mas o desenvolvimento do povoado, que se chamou "Ita", se deu a partir de 1915, principalmente, após a chegada do Coronel João Albuquerque, em 1919.

Por ser uma região com rico potencial e por sua localização estratégica como caminho para escoamento da produção vinda das Minas Gerais, Colatina passou a ser alvo de cobiça dos desbravadores e dos políticos.

Por esses motivos, o seu desenvolvimento se dá a partir de lutas quase permanentes. Ora entre os próprios colonos. Ora entre colonizadores e colonos. Não foram poucas as refregas dos ocupantes com os índios botocudos, além das disputas entre as oligarquias que se formavam na região.

O Rio Doce – mineiro como o Velho Chico –, cujas nascentes convergem dos contrafortes da Serra da Mantiqueira, na região da Zona da Mata das Minas Gerais, rasga as terras capixabas ao meio e deita nas planícies colatinenses em busca do oceano.

O rio era a artéria de vida e de morte da região. De vida, pela exuberância de sua fauna e flora. De morte, porque facilitou a exploração e a devastação das florestas da região. Através de suas águas foi conduzida grande parte das árvores derrubadas pelos madeireiros.

Durante anos, milhares delas desceram pelo seu curso, em forma de balsas feitas de toras gigantescas, vagarosamente, como o sangue de artérias dilaceradas. Era a devastação que abria caminho para as grandes plantações de café, o ouro do momento. O mesmo que ocorre hoje em várias regiões do Brasil, onde vastas extensões são degradadas para plantação de soja, o ouro de hoje.

Aquele comboio macabro fazia a alegria da criançada. Ficavam às dezenas esperando a correnteza do rio trazendo aquele imenso tapete de toras de madeira. Daí, os navegantes das balsas macabras iam até os ingazeiros, depois da Cadeia Pública, onde se agarravam aos galhos das árvores, e as embarcações improvisadas seguiam o seu percurso até a serraria da cidade de Barbados, o destino final do que foi a floresta capixaba, onde seriam transformadas em tábuas, para abastecer a indústria moveleira e de exportação de madeiras.

Devastada a floresta, parte dela foi substituída pela imensidão de eucaliptos que abastece a empresa Fibria, gigante na produção de celulose, para fabricação de papel.

Há um ano, o meu Rio Doce sofreu o maior atentado da sua vida, promovido pela Vale/Samarco. O vazamento em Mariana é o maior desastre ambiental do país, e até hoje a Justiça não conseguiu punir nenhum dos responsáveis. Afinal, este é um país onde a degradação ambiental não é considerada crime hediondo.

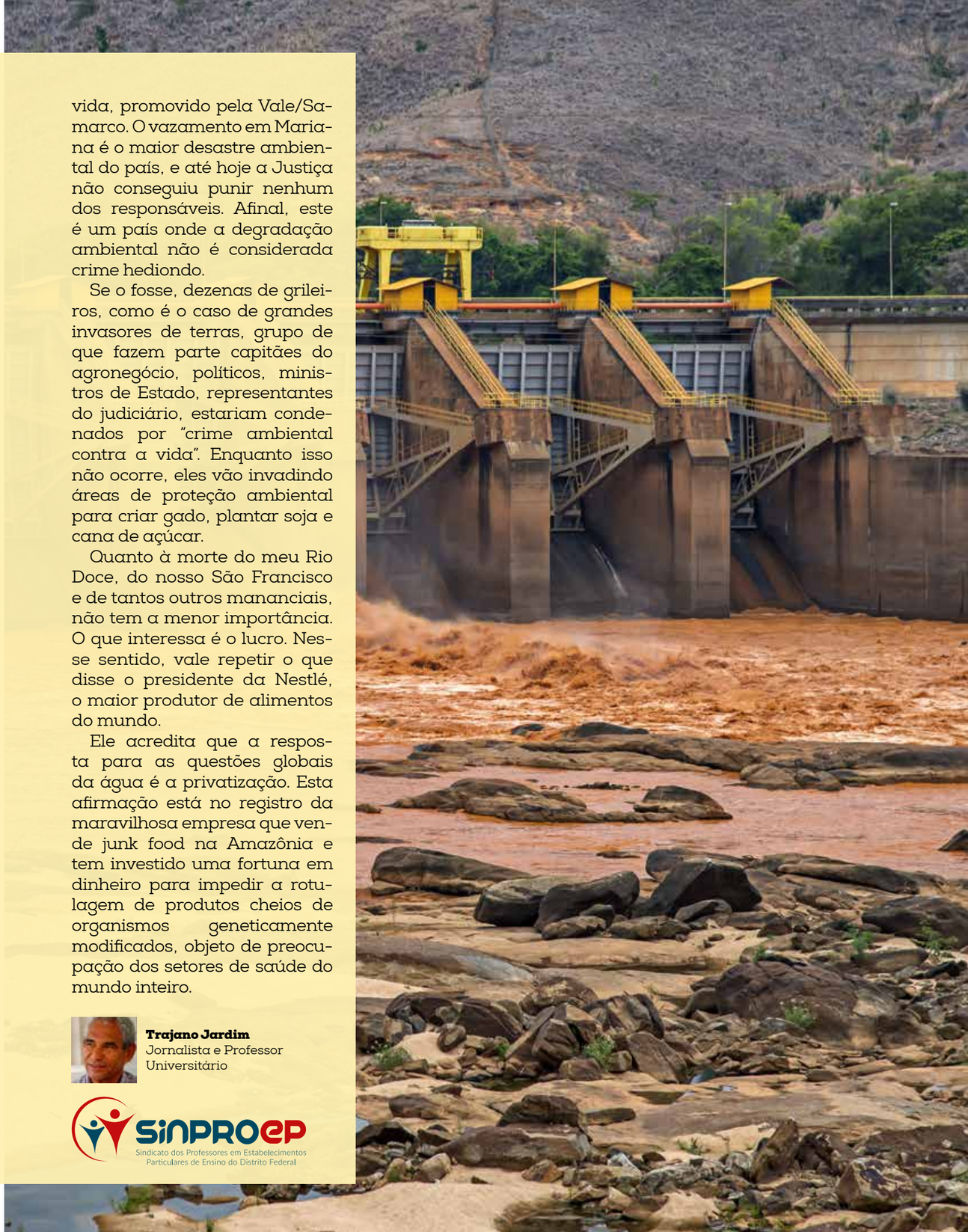
Se o fosse, dezenas de grileiros, como é o caso de grandes invasores de terras, grupo de que fazem parte capitães do agronegócio, políticos, ministros de Estado, representantes do judiciário, estariam condenados por "crime ambiental contra a vida". Enquanto isso não ocorre, eles vão invadindo áreas de proteção ambiental para criar gado, plantar soja e cana de açúcar.

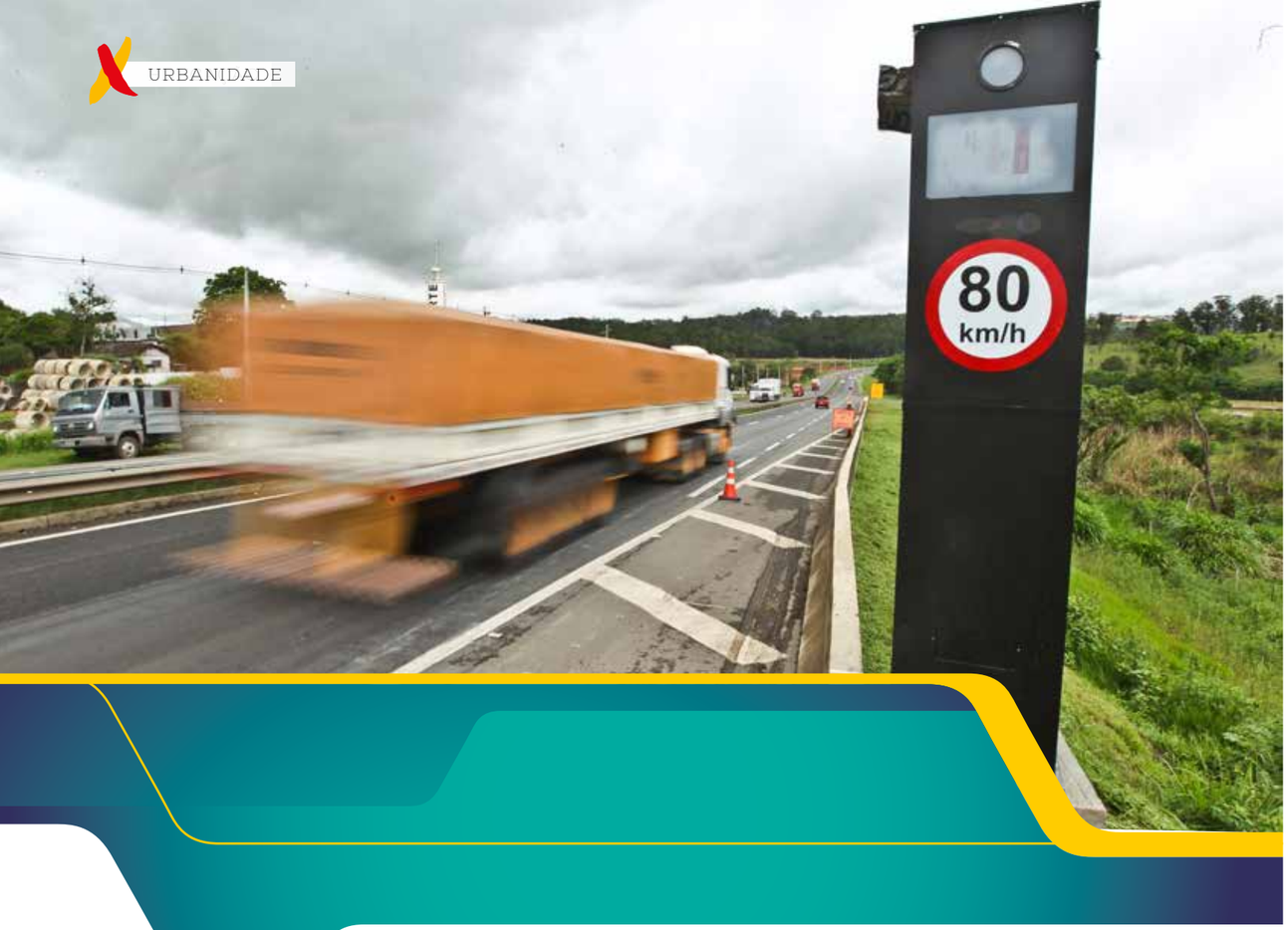
Quanto à morte do meu Rio Doce, do nosso São Francisco e de tantos outros mananciais, não tem a menor importância. O que interessa é o lucro. Nesse sentido, vale repetir o que disse o presidente da Nestlé, o maior produtor de alimentos do mundo.

Ele acredita que a resposta para as questões globais da água é a privatização. Esta afirmação está no registro da maravilhosa empresa que vende junk food na Amazônia e tem investido uma fortuna em dinheiro para impedir a rotulagem de produtos cheios de organismos geneticamente modificados, objeto de preocupação dos setores de saúde do mundo inteiro.

Trajano Jardim
Jornalista e Professor Universitário

SINPROEP
Sindicato dos Professores em Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal





MULTA DE TRÂNSITO: DÓI, MAS SALVA!

Antenor Pinheiro

Os gestores das grandes cidades brasileiras assumiram seus mandatos neste 1º de janeiro com a responsabilidade de enfrentar o grave passivo da morbimortalidade no trânsito urbano brasileiro em caráter de urgência, mas não possuem um mínimo de coerência quando o caso exige decisão. Ou melhor, sabem o que fazer, mas dissimulam rumo ao discurso vazio, quando não imputam fortuidades ou coisas do gênero para explicar essa desgraça nacional.

Trata-se de omissão explícita, pois está na ação política dos prefeitos a resposta mais adequada pra que resultados apareçam o quanto antes, afinal predominam nas cidades a ocorrência desses adversos números.

Dados divulgados pelo relatório intitulado "Retrato da Segurança Viária no Brasil", fechado com números de 2014, dentre outros fatores determinados, indicam, por exemplo, que o excesso de velocidade e o avanço de semáforo nas cidades estão entre os dois mais indiscutíveis fatores que justificam a maioria das 45 mil mortes/ano e aproximadamente 200 mil feridos graves/ano.

Ao que consta da legislação vigente, quem define as políticas públicas de estrutura e circulação viárias são as Prefeituras. Controlar a velocidade dos veículos e inibir os avanços de semáforos são atribuições do órgão executivo municipal de trânsito. E somente há uma solução de curto prazo pra estancar essa sangria desatada: reduzir e controlar as velocidade dos veículos, e fiscalizar rigorosamente os avanços de semáforos. Não há segredo, o conceito é universal e onde foi adotado, sem demagogia ou devaneios, deu certo!

Vivo exemplo desta política é a Rua 90 (Goiânia), reconhecida como via pública modelo de "traffic calming" nos vários fóruns de debates nacionais sobre violência no trânsito. Medidas adotadas pela gestão de Pedro Wilson em 2003/2004, com fiscalização rigorosa, pouparam a vida de oito pessoas/ano com redução de feridos em 280/ano para 16/ano.

A cidade de São Paulo igualmente experimenta desde 2014 essa estratégia quando a gestão do prefeito Fernando Haddad interveio nas marginais Tietê e Pinheiros. Formulação, implementação, monitoramento e avaliação, articuladas, comprovaram com números inquestionáveis que a fiscalização eletrônica foi elemento fundamental para que as velocidades reduzidas fossem respeitadas e, consequentemente, excelentes resultados fossem alcançados: 74% de redução de mortes e lesões em dois anos.

O que há em comum nesses dois exemplos? Prefeitos que sucederam essas duas gestões, respectivamente em 2005 e 2016 com discursos fáceis de campanha eleitoral contra a pretensa "indústria da multa" ameaçaram retomar as velocidades anteriores e relativizar a fiscalização eletrônica. No caso de Goiânia, ficou na ameaça. No caso de São Paulo, assistimos à encruzilhada do prefeito João Dória entre dar satisfação às suas demagógicas promessas de campanha e reconhecer que os números são infalivelmente favoráveis à proteção da vida.

Excesso de velocidade é um dos principais problemas de segurança viária, todos o sabem. A Organização Mundial da Saúde/OMS, com base em estudos de engenharia de trânsito e experiências avaliadas mundo afora, estima que a redução em 5% na velocidade média dos veículos leva a uma queda de 10% nos acidentes envolvendo lesões e à redução de 20% nos impactos com óbitos.

Fiscalização eletrônica em cruzamentos semaforizados, igualmente comprova redução em 90% de acidentes viários urbanos.

Importante anotar que substantiva parte dos recursos destinados à saúde e previdência públicas é absorvida pelo atendimento de urgência e reabilitação de acidentados no trânsito. Em 2003, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas/Ipea e a Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP descobriram que os impactos socioeconômicos dos acidentes em vias municipais custam em média 110 mil reais para cada óbito e 14,2 mil para cada vítima lesionada.

Esses valores, corrigidos para 2013 a partir do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) e multiplicados pelo número de vítimas, chegam ao total próximo de 16,2 bilhões/ano, dos quais 10,7 bilhões com óbitos e 5,4 bilhões com feridos. Para efeito de comparação, conforme o relatório "Retrato da Segurança Viária no Brasil", esses custos são tão elevados que somente 35 dos mais de 5.500 municípios brasileiros possuem PIB superior a 16,2 bilhões.

É fato! A curto prazo o cometimento de infrações deve ser enfrentado urgente e permanentemente por tecnologias que permitam ao Estado cumprir com eficiência o seu dever de inibir condutas irregulares de motoristas perigosos, se não para restringi-los na liberdade quando cometem crimes, ao menos se lhes ameaçando as economias, quando cometem infrações gravíssimas que levam à morte milhares de pessoas.

O remédio dói. Mas funciona e salva!

Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da Associação Nacional de Transportes Públicos/ANTP

ESTRADA DE RODAGEM NO QUADRILÁTERO CRULS

Robson Eleutério

Nos primórdios do século XX, as mercadorias que chegavam à cidade eram trazidas pelos tropeiros, transportadas em lombos de burros e mulas ou em carros de boi, uma vez que ainda não havia sido aberta nenhuma estrada para o trânsito de automóveis na região. Essa situação começou a mudar a partir da construção de ferrovias em Goiás.

O primeiro trecho da ferrovia goiana foi construído em 1911, a partir da cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro, já que ali era o fim da trilha da Estrada de Ferro Mogiana, construída para facilitar a integração econômica entre São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Em 1912, já haviam sido construídos 80 Km da ferrovia, chegando próximo a Goiandira, e, no ano seguinte, foram concluídas as obras da linha Goiandira Ipameri: "A 10 de novembro de 1913, a população de Ipameri, entusiasticamente, por entre flores e música, solenemente inaugurava a Estação Ferroviária de Ipameri. Foi o início da evolução e do progresso de Ipameri, incrementando a agricultura, o comércio e as indústrias do local." (O Ensino, Jornal. Ipameri, 1914).

Nessa época, Ipameri se tornou uma das cidades mais importantes de Goiás, pois as estações da Ferrovia Mogiana terminavam em suas terras. Além da Estação Férrea, que ficava dentro da cidade, havia também a importantíssima Estação de Roncador, cujos depósitos ficavam lotados de mercadorias para abastecer dezenas de cidades, vilas, povoados, que ficavam isolados no sertão goiano e mato-grossense.

Isso permitiu a Ipameri se transformar num grande centro de distribuição de mercadorias para as isoladas cidades e vilarejos do Centro-Oeste, recebendo diariamente tropas e carros de boi oriundos de várias localidades do interior do país. De acordo com Silvio Fleury (O Automóvel em Goiás; Anápolis. Ed. Unigraf, 2008):

Como as mercadorias importadas ficavam depositadas nos pontos terminais da via férrea, as tropas e carros de boi ali as recebiam dos comissionários e as levavam ao destino final, os povoados esparsos na imensidão do território goiano. Urgia um transporte mais rápido e menos trabalhoso para a distribuição do crescente volume de produtos solicitados pela população. Assim, os cidadãos mais progressistas de alguns municípios enxergaram no veículo impulsionado por motor a gasolina, já utilizado em vários estados, a solução ideal. Vislumbraram a solução e, imediatamente, procuraram viabilizá-la, abrindo as estradas pelas quais os automóveis e os caminhões se deslocassem. Assim teve início o rodoviarismo em Goiás.

No ano de 1921, foi aberta a primeira estrada de rodagem que adentrou o quadrilátero demarcado por Luiz Cruls, ligando Planaltina a Ipameri. Isso permitiu aos seus moradores realizar um maior intercâmbio comercial com outras cidades goianas e Triângulo Mineiro, desdobrando-se numa comunicação mais rápida com os centros avançados do litoral brasileiro. Antes dessa época, as mercadorias que chegavam à cidade eram trazidas pelas tropas, transportadas em lombos de animais e em carros de boi.

Após a consolidação de negócios bem-sucedidos em Planaltina, a empresa Bevinhati, Salgado e Cia resolveu investir numa operação mais ousada: abrir a primeira estrada de automóvel, ligando Mestre d'Armas a Ipameri. Iniciou a investida no dia 2 de janeiro de 1921, sob comando de Balbino Alarcão e um contingente de mais de vinte homens trabalhando diariamente, sendo que em alguns dias o número de trabalhadores chegava a 100 pessoas.

Victorino e Balbino Alarcão comemoraram a empreitada em Ipameri, onde foram recebidos com bastante entusiasmo pelas autoridades, moradores e comerciantes, pois, a essa altura, a notícia já havia se espalhado por várias localidades de Goiás. A Câmara de Vereadores promoveu uma sessão exclusiva para comemorar o evento.

Seis meses depois, com a estrada pronta, a empresa adquiriu uma jardineira para o transporte de passageiros, criando uma linha regular que circulava uma vez por semana, perfazendo um trajeto de mais de 300 km. Posteriormente, obtiveram o direito de explorar o pedágio, embora o movimento de automóveis por essa estrada, naquela época, fosse coisa rara, conforme relata Victorino: "a estrada sem movimento, pois não havia automóveis. Só um que era meu e o outro era de Ipameri. Comprei uma jardineira para percorrer Ipameri, Cristalina, Planaltina e Formosa".

Após alguns dias de descanso, Balbino voltou com a turma para dar os últimos retoques na estrada, enquanto Victorino comprou um Fordinho, seguindo para Planaltina a fim de dar a boa nova a Alexandre Salgado e buscar dinheiro para pagar o pessoal.

A partir de Roncador, última estação da estrada de ferro em terras goianas, abriu-se uma rodovia tronco, em 1922, dando acesso à cidade de Goiás, antiga capital do Estado, cujo trecho inicial passava por Campo Formoso (Orizona), Bonfim (Silvânia) e Anápolis. Nas mediações da cidade de Silvânia, essa estrada se ramificou para Cristalina, Luziânia, Planaltina e Formosa, aproveitando a estrada aberta por Bevinhati.

Nessa época, no norte de Goiás ainda não havia sido construída nenhuma rodovia ou ferrovia, e a cidades continuavam a ser abastecidas pelos tropeiros. Apenas na década de 30 foi aberta a primeira rodovia no Tocantins, ligando Corumbá a Niquelândia.

Robson Eleutério
Professor de História.
Coordenador Instituto Cerratense.

Foto: Tashka Pehaho Yawanawa

TATA TXANU NATASHENI:
O GRANDE PAJÉ YAWANAWA FEZ A PASSAGEM

Tashka Pehaho Yawanawa

"Tata fez a passagem". Com essas poucas palavras, o líder indígena Tashka Yawanawa informou do encantamento do grande pajé Tata, aos 104 anos de idade, em dezembro de 2016. Ao povo Yawanawa, nosso abraço solidário. Ao Tata, nossa gratidão pelo rastro de luz que deixa neste mundo. Para homenageá-lo, publicamos um pouquinho de sua história, registrada no carinho da escrita de Tashka Pehaho Yawanawa.

"Sentado numa rede, o pajé reza toda a noite para curar uma pessoa enferma. Reza também para a comunidade global viver saudável, em harmonia com as pessoas e com o meio ambiente.

Shumo é o pote de barro que o pajé Rumeya utiliza para rezar para uma pessoa enferma. Os cantos de reza são a comunicação direta entre o Rumeya e os espíritos. Uma reza pode durar toda a noite.

O pajé nunca repete as mesmas palavras, porque reza exatamente o que vê em suas visões de Uni (erva sagrada). É a tradução da força do pensamento em forma de palavras, que são depositadas na caiçuma ((bebida feita de mandioca) dentro do pote de barro.

Após terminar de rezar, a caiçuma já se transformou em medicina com poder de curar a pessoa. Para que a reza traga a cura, a pessoa tem que cumprir a dieta que o Rumeya lhe passar.

João Ferreira, em Português, e Tata Txanu Natasheni, em Yawanawa, raquítico, semblante suave, caminhada leve, de voz fraca, assim era o Tata. Engana-se quem pensa que se tratava de uma pessoa frágil. Tata possuía uma energia de dar inveja a qualquer jovem.

Ele dirigia, cantava e dançava durante todo o dia e toda a noite, durante os cinco dias do Mariri (Festival Yawanawa). Quem teve o privilégio e a honra de conhecê-lo, logo descobria que aquele velhinho tão humilde e caladinho era um Rei no mundo espiritual.

Tata dedicou sua vida inteira à espiritualidade Yawanawa. Enquanto muitos jovens desfrutavam da vida, ele seguia o caminho dos mais velhos. Sentado nas grandes rodadas de Uni com os pajés, ouvia os cantos e as rezas atentamente.

Quando perguntavam a ele o porquê do seu interesse em, ainda tão jovem, ser um aprendiz de pajé, Tata respondia que era para quando os mais velhos não estivessem mais vivos ele continuar repassando os conhecimentos do mundo espiritual para nosso povo. Ainda jovem foi aceito e iniciado no caminho do shamanismo Yawanawa pelos grandes pajés de sua época.

Na época em que não utilizávamos a medicina ocidental, Tata curou muita gente. Graças a ele, nosso povo continua a se perpetuar por gerações. A Agente de Saúde e liderança indígena, Mariazinha Luiza Naiweni, faz a seguinte descrição:

"O pajé Rumeya reza a caiçuma para curar uma pessoa doente, mas também como medida preventiva. Quando alguém tem um sonho ruim, conta para o pajé, que interpreta o sonho e, de acordo com esse sonho, reza a caiçuma para a pessoa beber, evitando assim que adoeça. Essa caiçuma atua como uma vacina".

Tata foi sempre um amigo, um guia espiritual e uma pessoa de extrema sabedoria, com quem aprendemos muito para viver neste mundo. Ele era uma das pessoas mais sérias, honestas e respeitosas que conhecemos.

Ele representa a memória viva dos Yawanawa. Ele sempre usou sua sabedoria e a ciência indígena para curar as pessoas enfermas que o buscavam atrás de cura. Tata sempre usou sua força espiritual para fazer o bem para a humanidade.

Em 2006, quando duas jovens Yawanawa pediram para serem iniciadas no shamanismo Yawanawa, antes uma função exercida exclusivamente por homens, Tata quebrou um tabu e iniciou as duas mulheres no shamanismo. Uma das coisas que mais admirávamos do Tata era a sua humildade. Tata era uma pessoa com muita sabedoria do conhecimento espiritual Yawanawa, no entanto ele sempre dizia que "não sabia de nada, que ele não era de nada", diferente de muitos "pajés" espalhados pelo mundo que dizem saber de tudo.

Mas Tata era assim. Ele nem precisava dizer que era o pajé mais forte, mais sábio e mais autêntico, porque suas próprias ações falavam e mostravam isso ao mundo. Podemos afirmar que Tata pode ser considerado uma das personalidades do milênio, por sua sabedoria, por sua humildade e pela paz que transmitia a todos que o conheceram.

Tashka Pehaho Yawanawa
Presidente da Associação Sociocultural Yawanawa – Terra Indígena Yawanawa – Acre

Foto: Tashka Pehaho Yawanawa

SUSTENTABILIDADE E INDIVÍDUO

Leonardo Boff

A rigor o indivíduo não existe. O que existe é a pessoa humana, nó de relações orientadas para toda as direções. Ninguém vive fora da rede de relações que sustenta o universo no qual cada um está imerso.

Por isso o correto seria dizer indivíduo relacional, mas manteremos a palavra indivíduo, em seu sentido mais filosófico do que social, pela seguinte razão: existe uma dimensão na pessoa que é sua singularidade irreduzível, que faz com que ela seja única e irrepetível no universo e na história, no passado, no presente e no futuro. Igual a ela nunca houve nem haverá. Temos a ver com uma emergência singularíssima do próprio universo.

Que representa a sustentabilidade para o indivíduo assim compreendido? Que significa possuir uma existência sustentável? Tudo depende da antropologia, vale dizer, do tipo de compreensão que assumimos do ser humano individual. Cada cultura representa a seu modo o ser humano individual. Correspondentemente lhe atribui certo nível de sustentabilidade.

No entanto, cada representação é uma representação, isto é, uma projeção que uma determinada cultura elabora acerca do indivíduo singular, a partir das experiências, das visões de mundo, tradições, experiências e conhecimentos disponíveis.

O que é ele? Não o sabemos totalmente. Ele se perde para dentro de um mistério insondável que, ao longo da história, vai entregando facetas novas e surpreendentes dele mesmo.

Leonardo Boff – Escritor. Filósofo. Teólogo.
Excerto do livro Sustentabilidade: O que é – O que não é.
Editora Vozes. 2012.

"Não frequentas mais, de corpo
comovido, os espaços do mundo. A medida do
tempo não te alcança. Já ganhaste a dimensão do
sonho, és luzeiro da esperança."

Thiago de Mello

Em 2018, a luta dos povos da floresta completará 30 anos sem Chico Mendes, símbolo maior da trajetória de construção social, sindical e ecológica em defesa da Amazônia e dos povos que nela vivem.
Porém, o tiro certeiro que assassinou Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 foi incapaz de calar seu sonho de justiça e liberdade. Chico Mendes continua vivo na memória e nos sonhos renovados de cada um e cada uma de nós.
O Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) começa agora o projeto CHICO MENDES – 30 ANOS rumo a uma grande mobilização nacional para honrar a memória e multiplicar os ideais de Chico Mendes pelo Brasil e pelo mundo.

VOCÊ PODE FAZER PARTE DESSA CAMINHADA.
O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE FEITO PARA OS 30 ANOS
DO ENCANTAMENTO DO CHICO MENDES?

MANDE SUA SUGESTÃO PARA:

contato@xapuri.info

CHICO MENDES 30 ANOS
1988 - 2018

Chico Mendes Vive!

CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS
CNS

MEMORIAL CHICO MENDES

TV
BANCÁRIOS
SINDICATO DOS BANCÁRIOS DE BRASÍLIA
AO VIVO
TODAS AS SEXTAS,
ÀS 14H30, NA TV COMUNITÁRIA,
CANAL 12 DA NET.
AS EDIÇÕES SÃO REPRISADAS NOS SEGUINTES DIAS E HORÁRIOS
SEGUNDA 13H
TERÇA 23H
QUARTA 13H
QUINTA 18H
SEXTA 22H30
SÁBADO 12H
DOMINGO 16H30
Assista também no portal bancariosdf.com.br e no facebook/bancariosdf